

**O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DOS CLÍTICOS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador:

Prof. Dr. Carlos Mioto

Co-orientadora;

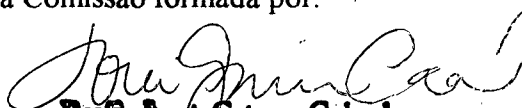
Profª. Dra. Maria Cristina F. Silva

O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Por

GESSILENE SILVEIRA

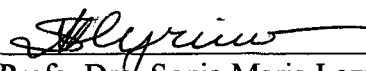
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística no Curso de Pós- Graduação Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, pela Comissão formada por:


Prof. Carl Grimm Cabral
Coordenadora

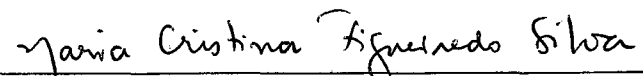
Presidente e Orientador:


Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)

Membro:


Prof. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino (UEL)

Membro:


Prof. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva (UFSC)

Membro:


Prof. Dra. Roberta Pires de Oliveira (UFSC)

Florianópolis, 27 de agosto de 1997.

*Aos meus pais,
Zezé e Licinha*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e disposição para a concretização deste trabalho.

Ao prof. Carlos Miotto, expresse a minha gratidão e respeito por tudo o que ele representou para a minha formação acadêmica. Agradeço-lhe por ter me incentivado a estudar Sintaxe Gerativa e pela orientação segura que tomou possível a realização deste trabalho; bem como à sua família por ter me acolhido calorosamente na minha chegada a Florianópolis e pela amizade durante o período de curso.

À profa. Maria Cristina, pelas observações valiosas.

Aos meus familiares, que mesmo distantes me apoiaram nesta caminhada.

Ao Junior, agradeço-lhe por tudo, em especial, pelo amor, carinho e compreensão.

À CAPES, pela ajuda financeira.

SUMÁRIO

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Introdução.....	1
CAPÍTULO I- CLÍTICOS: PROPRIEDADES E COLOCAÇÃO	3
1.1. Distribuição.....	3
1.2. A Colocação do Clítico em Línguas Românicas.....	9
1.2.1. Italiano.....	9
1.2.2. Francês.....	12
1.2.3. Português Europeu.....	15
1.3. Resumo.....	21
CAPÍTULO II - ANÁLISES.....	22
2.1. Kayne (1991).....	22
2.2. Belletti (1995).....	26
2.3. Rizzi (1993).....	31
2.4. Uriagereka (1995).....	35
2.4.1. As diferentes posições no espanhol.....	36
2.4.2. O Galego e o Movimento Minimalista de Núcleo.....	37
2.4.3. O Francês e a cliticização sem F.....	38
2.5. Galves(1996).....	40
2.5.1. A derivação no PCL.....	44
2.5.2. A derivação no PE.....	45
2.6. <Resumo>.....	46

CAPÍTULO m- OS CLÍTICOS NO PB	48
PARTE I - O sistema e a colocação dos clíticos no PB.....	49
3.1. O sistema de clíticos.....	49
3.1.1. Contextos de atribuição excepcional de Caso.....	55
3.1.2. Clítico versus pronome fraco.....	58
3.1.3. Resumo.....	62
3.2. A colocação dos clíticos.....	62
3.2.1. A posição do clítico com um só verbo.....	63
3.2.1.1. Com um só verbo finito.....	63
3.2.1.2. Com um só verbo não-finito.....	66
3.2.2. Com dois ou mais verbos adjacentes.....	67
3.2.2.1. Os clíticos com rima [+e].....	68
3.2.2.2. Os clíticos com rima [-e].....	75
3.2.2.3. O particípio passivo e os clíticos.....	78
3.2.3. Resumo.....	80
3.3. Conclusão.....	81
PARTE II - uma análise para o clítico no PB.....	82
3.4. A natureza do clítico.....	82
3.5. O movimento e a posição de pouso do clítico.....	86
3.6. A ordem do clítico.....	88
3.6.1. Ênclise.....	89
3.6.2. Próclise.....	90
3.6.2.1. A próclise nas orações com um só verbo.....	91
3.6.2.2. A próclise nas orações com dois ou mais verbos adjacentes.....	92
3.6.2.3. Os contextos impróprios para a próclise.....	94
3.7. Conclusão.....	96
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as propriedades dos clíticos e a sua colocação no português brasileiro. Esta língua tem uma sintaxe bastante particular no que se refere aos clíticos. Em comparação com outras línguas românicas, as diferenças podem ser notadas tanto no sistema dos clíticos como no seu posicionamento. No que diz respeito ao sistema de clíticos, este é bastante empobrecido e o português brasileiro dispõe de formas alternativas para expressar o que os clíticos expressam nas línguas românicas. Quanto ao posicionamento, o português brasileiro generaliza a próclise nas sentenças raízes, subordinadas e imperativas, tanto em sentenças com um só verbo quanto em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes. Além disso, nesta língua os clíticos não se distribuem de forma homogênea. E para abordar essas diferenças e outras questões relacionadas ao problema da cliticização nas línguas românicas, o trabalho busca apoio em análises realizadas no âmbito da Teoria Gerativa (cf Kayne (1993), Belletti (1995), Rizzi (1993), Uriagereka (1995) e Galves (1996)).

ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the properties of the clitics and their position in Brazilian Portuguese, whose syntax is quite peculiar with respect to this kind of pronominal. Compared to other Romance languages, their differences may be noticed both in their clitic system and placement. Brazilian Portuguese is quite poor in relation to clitics but the language possesses alternative forms to express what clitics express in Romance languages. As for their position, Brazilian Portuguese generalizes proclisis in root, subordinate, and imperative sentences, both in one-verb sentences and in sentences containing two or more adjacent verbs. Besides, clitic distribution in Brazilian Portuguese does not occur in a homogeneous way. This dissertation is based on analyses carried out within the theoretical framework of generative grammar (cf Kayne (1993), Belletti (1995), Rizzi (1993), Uriagereka (1995), and Galves (1996)) for the treatment of the above differences and other questions related to cliticization in Romance languages.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os clíticos das línguas românicas têm sido o alvo de muitas discussões na literatura gerativista. Questões como sua natureza categorial, a razão pela qual se movem, para onde se movem, o tipo de movimento, as diferentes posições são analisadas por autores como Kayne (1991), Belletti (1995), Rizzi (1993), Uriagereka (1995), Galves (1996), entre outros.

Dentre as questões analisadas, o que mais chama a atenção dos autores é o fato de o clítico gravitar em torno de um verbo, ora como próclise, ora como ênclise. E o mais intrigante ainda é que essa distinção varia de língua para língua.

Como se sabe, o português brasileiro (doravante PB) se distancia de outras línguas românicas como o italiano, o francês e o português europeu (daqui em diante PE) no que diz respeito à colocação dos clíticos. A posição preferencial do clítico é sempre antes do verbo, fmito ou não-fmito. Além disso, o sistema de clíticos dessa língua se apresenta empobrecido, como constataram vários autores, entre eles, Pagotto (1992), Cyrino (1993), Duarte (1986), Luize (1997).

Apesar dessa particularidade do PB, o presente trabalho tem como objetivo principal descrever sincronicamente o posicionamento do clítico. O que será mostrado nessa descrição é que, quando os clíticos ocorrem na sintaxe do PB, eles se comportam de um modo bastante diferente das outras línguas românicas.

A dissertação vai estar organizada em três capítulos:

No capítulo I, apresento algumas propriedades dos clíticos com o intuito de mostrar que este elemento tem um comportamento peculiar. Ele ocupa uma posição que não é própria de um argumento do verbo. Apresento ainda neste capítulo uma descrição da colocação do clítico em línguas românicas que apresentam um sistema rico de clíticos, como é o caso do italiano, do francês e do PE.

No capítulo II, apresento algumas análises, Kayne (1991), Belletti (1995), Rizzi (1993), Uriagereka (1995) e Galves (1996), que buscam descrever e explicar questões relacionadas ao problema da cliticização em línguas românicas.

O capítulo **ni** está dividido em duas partes: na primeira parte focalizo o sistema de clíticos do PB e o comportamento destes elementos. Dou atenção ao clítico *o*, apesar de

análises quantitativas constatarem que sua frequência é muito baixa no PB falado e apontarem para seu desaparecimento. Procuro mostrar que, se este e outros clíticos são usados, eles se comportam de determinada forma. Para tanto, lanço mão de julgamentos de aceitabilidade relativos; num conjunto de exemplos, comparamos as ocorrências de clíticos para ressaltar qual dos posicionamentos é o melhor.

Com base no aparato teórico, na segunda parte, apresento uma proposta de explicação para o clítico do PB. Nesta parte, serão apresentadas considerações a respeito da natureza, do movimento e da posição de pouso do clítico, além da distinção próclise e ênclise.

Finalmente, uma breve conclusão fecha o trabalho resumindo os pontos principais abordados.

CAPÍTULO I - CLÍTICOS: PROPRIEDADES E COLOCAÇÃO

No que diz respeito à sintaxe das línguas românicas, um dos fenômenos que mais chamam a atenção é a existência de uma classe de itens que, mesmo podendo valer por um argumento de um verbo, ocupam uma posição que não é própria de um argumento do verbo. Esta é a classe dos clíticos, itens que se opõem em alguns aspectos a outros argumentos sintáticos como um DP lexical e um pronome.

1. DISTRIBUIÇÃO

Um clítico ostenta várias propriedades (Kayne (1975), citado por Cardinaletti & Itarke (1994) e outros) que permitem distingui-los dos DPs ou PPs plenos e dos pronomes;

- ***Um clítico jamais ocorre em posição argumental:***

Observemos (1):

- (1)
- a. O João beijou carinhosamente a Maria
 - b. O João beijou carinhosamente ela
 - c. *O João beijou carinhosamente me

Os exemplos (1a) e (1b) revelam que tanto os DPs lexicais, como *a Maria*, quanto um pronome como *ela*, podem ocorrer em posição argumental de complemento do verbo. A interposição do advérbio *carinhosamente* entre o verbo e seu complemento concorre para causar isso. Porém, (1c) revela que de maneira alguma o clítico pode ocupar a mesma posição que *a Maria* e *ela* ocupam.

A mesma impossibilidade se verifica em (2), onde o que está em foco é a posição A ; sujeito:

- (2)
- a. O João carinhosamente beijou a Maria
 - b. Ele carinhosamente beijou a Maria

c. *Se carinhosamente beijou a Maria

Bastante difundida desde Pollock (1989) é a idéia de que o verbo pode se mover para I (Agr e T) em línguas como o francês. Quanto ao sujeito, presume-se que ele pode/deve se movimentar para a posição A de Spec de EP. Assim, a configuração Spec-núcleo vai possibilitar que a concordância entre *João* e a flexão do verbo seja deflagrada e que o sujeito verifique seus traços de Caso. Assumindo que isto ocorre no PB, observa-se que o Spec de IP, apropriado para receber *o João* e *ele*, também não é apropriado para o clítico *se*, como mostra (2c).

Por outro lado, é possível construir contrastes distribucionais que mostram que a posição do clítico não é apropriada para um DP lexical ou para um pronome. É o que ilustram os exemplos abaixo:

- (3) a. O João carinhosamente me beijou
 b. *0 João carinhosamente a Maria beijou
 c. *0 João carinhosamente ela beijou

Qualquer que seja a posição ocupada pelo clítico em (3a), o fato é que um nome ou um pronome não podem ocupar aquela posição.

Ao mesmo tempo, os exemplos evidenciam que, apesar de o clítico, o DP lexical e o pronome terem todos a mesma função, isto é, recebem o mesmo papel temático de tema atribuído pelo verbo *beijar*, eles não se distribuem da mesma forma. O clítico apresenta uma distribuição muito limitada. Ele necessita de uma base verbal para se incorporar, como mostra o exemplo (3a). Já o DP lexical e o pronome não podem ocorrer na mesma posição em que o clítico ocorre, como mostra a agramaticalidade de (3b) e (3c).

- *O clítico não pode ocorrer em posição de adjunção:*

Outra posição imprópria para os clíticos é a de adjunto. Observe (4):

- (4) a. A Maria, o João beijou carinhosamente
 b. Ela, o João beijou carinhosamente
 c. *Me, o João beijou carinhosamente

Em (4a) e (4b), podemos assumir que o argumento interno do verbo *beijar*, o DP lexical *a Maria* e o pronome *ela*, se encontram adjungidos¹ à esquerda de IP, uma posição não-argumental. Já o clítico não tem liberdade para ocorrer em tal posição, como mostra (4c).

• ***Um clítico nunca pode ocorrer como um item isolado:***

O contraste em (5) revela também que o clítico não tem as mesmas distribuições de um DP lexical e um pronome.

- (5) a. Quem é inteligente? A Maria
 b. Quem é inteligente? Ele / Ela
 c. Quem é inteligente? *Me

Enquanto estes podem ocorrer isoladamente, como vemos nas respostas em (5 a) e (5b), o clítico jamais poderá ocorrer como um item isolado, independente de alguma base verbal, como ilustra a impossibilidade de resposta em (5c). Nos termos de Câmara Jr. (1970), o clítico não é um vocábulo fonológico ao contrário dos pronomes e dos DPs.

• ***Um clítico não pode ser coordenado:***

Enquanto dois DP lexicais (6e) ou dois pronomes (6d) ou um DP e um pronome (6f) podem ser naturalmente coordenados, dois clíticos não aceitam coordenação (6a), nem um clítico e um DP (6b), nem um clítico e um pronome (6c):

¹ Observe-se que o DP à esquerda, de acordo com Rizzi (1995) pode ocupar a posição de Spec de uma categoria funcional como FocP, não sendo necessário assumir a adjunção. Entretanto, vamos assumir que se trata de adjunção.

- (6)
- a. *Ele **me e te** emprestou o passe escolar
 - b. *Ele emprestou-me e para **a Maria** o passe escolar
 - c. *Ele emprestou-me e para **ele** o passe escolar
 - d. ^{di}Ele e'êla **me** emprestaram o passe escolar
 - e. **João e a Maria** me emprestaram o passe escolar
 - f. **Ele e a Maria** me emprestaram o passe escolar

• *Jamais o clítico pode receber acento contrastivo:*

O clítico não pode servir de suporte para um acento independente, como mostram (7a)e(7c):

- (7)
- a. *Ele **ME** emprestou o passe escolar, e não **TE** emprestou
 - b. Ele emprestou o passe **PRA MIM**, e não **PRA VOCÊ**
 - c. *Ele **ME** viu e não **TE** viu
 - d. Ele viu **EU (A MIM)** e não **VOCÊ**

Nestes exemplos vemos que pronomes como *mim*, *eu* e *você* podem ser acentuados, o que é traduzido pelas maiúsculas em (7). Já os clíticos não podem sustentar um acento próprio, o que justifica a má formação de (7a) e (7c).

• *O clítico, ao contrário dos DPs e dos pronomes, é um núcleo*

Dados os contrastes (1-5) apresentados acima, vimos que os clíticos, os DPs e os pronomes não apresentam a mesma distribuição; a posição de um clítico não é apropriada nem para um DP, nem para um pronome, e vice-versa. O clítico em (3a) está incorporado a uma base verbal, o que torna evidente o seu estatuto nuclear². A impossibilidade de um

² Coiiforme Sportiche (1992), o clítico tem um estatuto misto, ao mesmo tempo, de sintagma e de núcleo. É seu estatuto de núcleo que lhe permite transitar por posições intermediárias e escapar aos efeitos da Condição de Minimalidade e da Condição sobre o Movimento do Núcleo. É seu estatuto de núcleo que lhe permite incorporar-se ao verbo no final de sua derivação.

advérbio entre o clítico e o verbo serve para mostrar que entre eles não pode haver a interposição de certos itens. Vejamos os contrastes abaixo:

- (8)
- a. A Maria carinhosamente **me** beijou
 - b. *A Maria **me** carinhosamente beijou
 - c. A Maria beijou-me carinhosamente
 - d. * A Maria beijou carinhosamente **me**

Os exemplos em (8a) e (8c) revelam que apesar de o clítico ocupar posições diferentes em relação ao verbo, em ambos os casos o clítico e o verbo estão incorporados formando um complexo de núcleos. A presença do advérbio em (8b) e (8d) contribui para mostrar isso.

A adjacência entre o clítico e o verbo pode ser vista também em sentenças com dois verbos. Observemos (9):

- (9)
- a. A Maria está sempre me beijando
 - b. A Maria sempre **me** está beijando
 - c. *A Maria me sempre está beijando.

Apesar de o clítico estar incorporado a núcleos diferentes, como vemos em (9a) e (9b), a necessidade de adjacência entre ele e o verbo continua.

Uma outra evidência em favor da idéia de que o clítico faz parte de um complexo de núcleos pode ser vista em sentenças com negação. De acordo com Miotto (1992), a negação sentencial *não* é um núcleo que está sempre adjacente ao verbo. E entre eles somente poderá intervir um elemento de natureza nuclear: a negação é o último núcleo á esquerda do complexo. Assim, o clítico não pode se mover por sobre a negação situando-se à esquerda do *não*. Esse tipo de argumento é construído a partir de *clitic climbing*, em que o clítico se move de uma sentença mais baixa para uma sentença mais alta, como podemos ver em (10b):

- (10)
- a. A Maria podia **te** ajudar
 - b. *[^]A Maria **te** podia ajudar

Com a presença da negação *não* junto ao verbo encaixado, o clítico não pode se mover para a sentença mais alta, como ilustra (1 Ib):

- (H) a. A Maria podia não **te** ajudar
 b. *A Maria **te** podia não ajudar
 c. *A Maria não sempre **te** podia ajudar
 d. A Maria não **te** podia ajudar

Em (11b) o clítico “pulou” por sobre a negação *não*, um elemento de natureza nuclear, que se constitui num bloqueio para o movimento do clítico. A presença do advérbio *sempre* em (11c) serve para mostrar que a negação não pode se separar do verbo, uma evidência de que, talvez, *não* tenha uma natureza clítica³. Vejamos que entre ela e o verbo somente pode intervir um outro elemento de natureza nuclear: o clítico, como ilustra (11d). Neste exemplo, a negação, o clítico e o verbo fazem parte de um mesmo complexo verbal.

Em resumo, vimos que os clíticos se comportam diferentemente de DPs lexicais e pronomes. Na oração o clítico aparece em posições que não são típicas de argumento. Este comportamento indica que o clítico deve ser um núcleo (cf Kayne (1991)) e fazer parte de um complexo de núcleos incorporados.

Crucialmente, essas características fazem com que o clítico seja um elemento especial, pois mesmo podendo corresponder a um argumento de um verbo, ele jamais poderá ocorrer em posições próprias de argumento de verbo. O clítico necessita ter apoio de uma base verbal, propriedade que o distingue de outros complementos, como um DP lexical e um pronome. Estes, ao contrário do clítico, podem permanecer em posição argumental.

Do ponto de vista da fonologia, o clítico não pode ter acento independente, como vimos em (7a) e (7c). Isto pode ser interpretado como resultado de um processo sintático de incorporação de núcleos; é depois da incorporação dos núcleos que a PF vai atuar para interpretar fonologicamente a estrutura⁴.

³Conforme propôs Belletti (1990) para o italiano.

⁴Em termos minimalistas, a incorporação de núcleos é resultado da checagem de traços. Se esta for realizada antes da operação *spell-out*, o resultado será visível na sintaxe. Se a checagem for feita depois da operação *spell-out*, o resultado será invisível na sintaxe. Como o que motiva o movimento visível é um traço forte, os clíticos teriam, então, um traço [V forte].

Além das propriedades que vimos nessa seção, um outro aspecto bastante intrigante que caracteriza a sintaxe particular dos clíticos é o fato de eles ocorrerem em posições pré-verbais, como próclise, e em posições pós-verbais, como ênclise. Esse é um dos problemas que se destacam na análise de línguas românicas como o italiano, o francês, o PE e o PB. É o que apresentaremos na seção que se segue.

1.2.A COLOCAÇÃO DO CLÍTICO EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

Nesta seção tratamos do comportamento de línguas românicas que têm um sistema rico de clíticos; italiano, francês e PE. O comportamento do PB será tratado particularmente em uma outra seção, pois além de esta língua evidenciar, em um sentido que será precisado, um sistema “pobre” de clíticos, apresenta uma sintaxe bastante particular.

1.2.1. Italiano

Nesta língua, a alternância próclise/ênclise é determinada a partir da oposição finito/não-finito. O clítico ocorre antes do verbo finito, como mostra (12):

- (12) a. Sarebbe assurdo che tu gli pariassi
 seria absurdo que tu lhe falasse
- b. *Sarebbe assurdo che tu pariassigli (Kayne 1991, pág. 648)
 seria absurdo que tu falasse-lhe
- c. La conosco
 eu a conheço
- d. *Conoscola
 eu conheço-a
- e. che la conosca
 que eu a conheço
- f. *che conoscala (Belletti 1995, pág. 1)
 que eu conheço-a

Tanto na sentença principal (12c), como nas encaixadas (12a) e (12e), a próclise é a única alternativa.

Nas sentenças com dois verbos adjacentes, o clítico sempre aparece antes do verbo mais alto que está numa forma finita, como mostra (13);

(13) a. Gianni lo ha messo sul tavolo

Gianni o tem colocado sobre a mesa

b. *Gianni ha messo sul tavolo (Rizzi 1993, pág. 4)

Gianni tem colocado-o sobre a mesa

c. L'ho vista

eu a tenho vista

d. *Ho vistala (Belletti 1995, pág. 19)

eu tenho vista-a

Dizemos que no italiano a próclise se relaciona com o verbo finito a ponto de o clítico se separar do verbo com o qual mantém relação temática se este não é finito.

A ênclise, por sua vez, ocorre com verbos não-finitos, infinitivos, gerúndios e participios, como vemos em (14):

(13) a. Conoscerla

conhecê-la

b. Conoscendola

conhecendo-a

c. Conosciutala (Rizzi 1993, pág. 8)

conhecido-a

d. Parlargii sarebbe un errore

falar-lhe seria um erro

e. *Gli parlare sarebbe un errore (Kayne 1991, pág.648)

lhe falar seria um erro

Além disso, nas imperativas afirmativas o clítico se realiza em posição pós-verbal, como mostram os exemplos em (15). Já nas imperativas negativas, o clítico pode se realizar em posição pré-verbal (16b) e (16d) ou pós-verbal (16a) e (16c):

- (14) a. Prendilo
pegue-o
b. Prendiamolo
Peguemo-lo.

- (15) a. Non prenderlo
não pegue-o
b. Non lo prendere
não o pegue
c. Non prendiamolo
não peguemo-lo
d. Non lo prendiamo (Rizzi 1993, pág. 9)
não o peguemos

Particularmente, no italiano há um tipo de construção em que o clítico se liga ao particípio, como enclítico. Esse caso é registrado nas chamadas *small clauses* (SC) com particípio passado absoluto (cf. Belletti (1990), (1992), Kayne (1989)). Vejamos os exemplos em (17), além de (14c) acima;

- (16) a. Vistala, Gianni si tranquillizò (Belletti 1995, pág. 1995)
vista-a, Gianni se tranqüilizou
b. Messolo sul tavolo, Gianni è uscito (Rizzi 1993, pág. 4)
colocado-o sobre a mesa, Gianni partiu

Essa compatibilidade entre o clítico e o particípio pode ocorrer porque nesse tipo de construção não há verbo auxiliar. Quando um auxiliar está presente, o clítico se realiza na

posição pré-verbal, se está na forma finita, como vimos em (13), ou na posição pós*verbal com o verbo auxiliar na forma não-finita, como podemos ver em (18):

- (18) Mario pensa di averla conosciuta a Venezia
Mário pensa tê-la conhecido a Veneza

De acordo com os dados dessa língua, há duas generalizações a fazer. A primeira envolve as sentenças com dois verbos adjacentes: o clítico ocorre com o verbo mais aho. A segunda generalização envolve a ordem dos clíticos que é definida a partir do tipo de verbo: o verbo finito permite prever a próclise; a previsão quando há um verbo não-finito é que teremos ênclise[^].

1.2.2. Francês

A distribuição próclise/ênclise no fi-ancês não é determinada a partir da oposição finito e não-finito, como acontece no italiano. No fi[^]ancês, o clítico se realiza, sistematicamente, como proclítico tanto com verbo finito quanto não-finito. Vejamos os exemplos com verbo finito:

- (19) a. Illefi-appe
ele o bateu
b. *11 frappe le (Fiengo & Gitterman 1978, pág. 117)
ele bateu-o
c. Je ie vois
eu o vi
d. *Je vois ie (Laenzlinger 1990, pág. 21)
eu vi-o

Como vimos a propósito do italiano em (12), (19) mostra que o fi-ancês também tem próclise com o verbo finito. Nestes exemplos o clítico ocorre com o verbo que lhe

[^]Vale colocar que essa distinção é válida para todos os clíticos do paradigma dessa língua.

atribui papel temático. Em sentenças com dois verbos adjacentes, o clítico também se realiza cortl o verbo fmito:

- (20) a. Marie nous a parlé
Maria nos tem falado
- b. *Marie a nous parlé (Kayne 1991, pág. 658)
Maria tem nos falado
- c. Marie l'a vu
Maria o tem visto
- d. *Marie a le vu (Sportiche 1992, pág. 50)
Maria tem o visto

Nesse tipo de construção o clítico apresenta o mesmo comportamento do italiano exemplificado em (13). O clítico tem que estar antes do verbo que carrega a flexão, como ilustra (20a) e (20c). Se o clítico não se “separa” do verbo que lhe atribui papel temático o resultado é a agramaticalidade das sentenças (20b) e (20d).

Os dados apresentados em (19) e (20) não revelam diferença de comportamento entre o italiano e o francês. Todavia, o comportamento difere quando estão em jogo sentenças com verbos não-fmitos. Nesse tipo de contexto, o clítico se realiza na posição pré-verbal, como mostram os exemplos em (21) do francês em contraste com (14) do italiano.

- (21) a. Lui parler serait une erreur
lhe falar seria um erro
- b. *Parler-lui serait une erreur (Kayne 1991, pág. 648)
falar-lhe seria um erro
- c. Les voir
os ver
- d. *Voir les (Belletti¹⁹⁹⁵, pág. 23)
vê-los

Nas sentenças imperativas do francês o comportamento do clítico varia quanto ao tipo de imperativa. Nas negativas, o clítico tem que preceder o verbo, como vemos em (22a) e (22c):

- (22) a. Ne me donnez pas le livre
 não me dê o livro
- b. *Ne donnez moi pas le livre (Fiengo & Gitterman 1978, pág. 118)
 não dê-me o livro
- c. Ne le mange pas
 não o coma
- d. *Ne mange-le pas (Rizzi 1993, pág. 12)
 não coma-o

Nesse caso a realização é semelhante à que ocorre nas declarativas simples; O clítico ocorre na posição pré-verbal. Já no italiano vimos que nesse tipo de sentença o clítico tem liberdade para ocorrer tanto como próclise, (16b) e (16d), quanto como ênclise, (16a) e (16c). Por outro lado, nas imperativas positivas do francês o clítico aparece na posição pós-verbal, como ilustram os exemplos em (23b) e (23c):

- (23) a. *Me donnez le livre
 me dê o livro
- b. Donnez-moi le livre (Fiengo & Gitterman 1978, pág. 118)
 dê me o livro
- c. Mange-le (Rizzi 1993, pág. 12)
 coma-o
- d.*Lemange
 o coma

Este é o único contexto em que a ênclise é licenciada. Essa realização também se verifica nas imperativas afirmativas do italiano.

Conforme os dados do francês, podemos dizer que o lugar de realização do clítico nesta língua não é desencadeado a partir da oposição finito/não-finito, como vimos no italiano. No francês, o clítico ocorre antes de verbo finito e não-finito. A ênclise, por sua vez, está associada unicamente às imperativas positivas.

1.2.3. Português Europeu

De acordo com os dados apresentados até o momento vimos que, no italiano a distinção próclise e ênclise se faz a partir do tipo de verbo: finito e não-finito. Já no francês, a próclise não se restringe a um único tipo de verbo. Ela ocorre tanto com o verbo finito quanto não-finito. Todavia, no PE o que está em jogo não é esse tipo de elemento, mas é o tipo de constituinte que ocorre á esquerda do verbo; ou seja, próclise e ênclise são determinadas a partir do tipo de constituinte que precede o verbo na sintaxe.

A descrição do comportamento do clítico no PE é baseada em Galves (1996), Rouveret (1989) e Cunha & Cintra (1985). Começamos pela ênclise.

O clítico se realiza em posição pré-verbal nas sentenças com o verbo em primeira posição;

- (24) a. Parece-me que choverá amanhã
b. *Me parece que choverá amanhã

Estes exemplos ilustram o fenômeno da proibição do clítico em primeira posição, conhecido na literatura lingüística como **Lei de Tobler e Mussafia**, do nome de dois gramáticos históricos do final do século passado que enunciaram essa generalização observada nas línguas românicas antigas. Esta lei se aplica a línguas em que o verbo se movimenta para uma posição mais alta na estrutura da oração®. Com esse movimento não é permitida a realização de um clítico em posição inicial.

® De acordo com Galves, baseando-se no quadro do programa minimalista, pode se dizer que o verbo se movimenta para Comp de ládo a presença de traço-V forte associado aos traços-O de Comp.

Como ênclise, o clítico se realiza em sentenças raízes afirmativas com sujeito realizado, como em (25a) e (25c), ou não realizado, como ilustra (25e):

- (25) a. Ele visitou-me no último final de semana
b. *Ele me visitou no último final de semana
c. A Maria deu-lhe esse livro ontem
d. *A Maria lhe deu esse livro ontem
e. Deu-lhe esse livro ontem
f. *Lhe deu esse livro ontem

Esse tipo de realização pode ser vista também em sentenças com um argumento nominal topicalizado, como ilustra (26a):

- (26) a. Esse livro, a Maria deu-lhe ontem
b. *Esse livro, a Maria lhe deu ontem

O argumento nominal, *esse livro*, que se encontra adjungido à esquerda da sentença, permite ao clítico se realizar apenas como enclítico. Com a próclise, temos a agramaticalidade ilustrada em (26b). A ênclise também é própria de sentenças com adjetivos indefinidos (*algum, outro, muito, pouco*, etc) em posição de sujeito:

- (27) a. Alguns (estudantes) chamam-lhe mestre
b. * Alguns (estudantes) lhe chamam'mestre
c. Os outros pediram-nos que saíssemos cedo
d. *Os outros nos pediram que saíssemos cedo

A agramaticalidade de (27b) e (27d) evidencia que na presença dos adjetivos *alguns* e *outros*, a próclise não pode ocorrer. Com tais itens, o clítico pode apenas se realizar em uma posição pós-verbal, como ilustram (27a) e (27c).

Além desses casos apresentados, a ênclise também é registrada em sentenças imperativas, como mostra (28):

- (28) a. Diga-me
b. *Me diga

Nesse tipo de sentença, o PE, o italiano e o francês têm comportamentos semelhantes; o clítico se realiza apenas em posição pós-verbal.

Em sentenças com dois verbos adjacentes o clítico também ocorre em ênclise; com o verbo principal, no infinitivo ou gerúndio, ou com o verbo auxiliar⁷, como ilustram os exemplos em (29);

- (29) a. Maria pode ajudar-me hoje
b. A história ia desenrolando-se com o passar do tempo
c. Maria pode-me (sempre) encontrar durante a semana

Nesse tipo de contexto, o italiano, o francês e o PE têm comportamento diferente. Enquanto nas duas primeiras línguas o clítico procura o verbo auxiliar finito para se adjungir, no PE o clítico pode ocorrer, como ênclise, tanto ao verbo que lhe atribui papel temático, como vemos em (29a) e (29b), quanto ao verbo mais alto como em (29c).

Quanto à próclise, ela é obrigatória em sentenças que contêm constituintes negativos. Vejamos os contrastes abaixo;

- (30) a. Ninguém me disse que você estava passando mal
b. *Ninguém disse-me que você estava passando mal
c. A Maria não te visitou.
d. * A Maria não visitou-te
e. Nunca o vi tão sereno e obstinado
f. *Nunca vi-o tão sereno e obstinado

Os exemplos em (30a), (30c) e (30e) revelam que os constituintes negativos, *ninguém*, *não* e *nunca* obrigam o clítico a ocupar a posição pré-verbal. Essa colocação também é

⁷A presença do advérbio, *sempre*, serve para assegurar-nos que realmente o clítico se encontra adjungido como enclítico ao verbo auxiliar.

registrada em orações com expressões quantificadas*, como em (31a), (31c) e (31e), ou com expressões focalizadas precedendo o verbo, como mostra (31g):

- (31)
- a. Alguém o tinha avisado
 - b. *Alguém tinha-o avisado
 - c. Três homens se sentaram à mesa
 - d. *Três homens sentaram-se à mesa
 - e. Ambos se sentiam humildes e embaraçados
 - f. *Ambos sentiam-se humildes e embaraçados
 - g. Muito trabalho me deu essa descrição
 - h. *Muito trabalho deu-me essa descrição

Os dados em (31) evidenciam que, sendo sujeito ou não, é o tipo de elemento que precede o verbo que determina a próclise. Nos casos em que o sintagma pré-verbal desencadeador da próclise não é o sujeito, convém ressaltar que este último pode preceder ou seguir o verbo sem que isso interfira na colocação proclítica. Isso pode ser verificado nas sentenças acima. Em (31a), (31c) e (31 e) o sujeito antecede o verbo. Já em (31g) o sujeito, *essa descrição*, aparece depois do verbo.

No que diz respeito ao sintagma interrogado, quantificado ou focalizado, vale ressaltar que eles não precisam anteceder imediatamente o verbo para desencadear a próclise. É o que podemos ver nas orações interrogativas com o elemento WH precedendo o verbo:

- (32)
- a. Que livro a Maria **lhe** deu ontem?
 - b. *Que livro a Maria deu-lhe ontem?
 - c. Quem **me** busca a esta hora tardia?
 - d. *Quem busca-me a esta hora tardia?

*É importante colocar que os quantificadores diferem no que diz respeito à colocação do clítico. Alguns deles impõem a próclise, outros impõem a ênclise. Ver os exemplos (27) versus (31).

Vejamos que em (32a) o sintagma WH não antecede imediatamente o verbo. Entre este e aquele há um outro sintagma, *a Maria*, ocupando a posição de sujeito. Já em (32c), o sintagma WH *quem* precede imediatamente o verbo. Estes casos servem para mostrar que no PE, a distinção próclise/ênclise é independente do movimento do verbo⁹.

Verifica-se também a próclise nas orações em que o verbo vem antecedido de certos advérbios. Dentre estes, destacam-se os advérbios positivos como *bem, já, sempre, raramente, ainda*, e os advérbios negativos como *nunca, jamaii*¹⁰. Vejamos alguns casos:

- (33) a. Até a voz, dentro em pouco, já me parecia a mesma
b. *Até a voz, dentro em pouco, já parecia-me a mesma
c. Raramente o vejo no teatro
d. *Raramente vejo-o no teatro

A próclise também ocorre nas sentenças subordinadas que apresentam um só verbo, como ilustra (34a) e (34c), e nas sentenças com dois verbos adjacentes, como podemos ver em (34h);

- (34) a. Sei que a Maria lhe deu esse livro ontem
b. *Sei que a Maria deu-lhe esse livro ontem
c. Eles disseram que a Maria o visitou
d. *Eles disseram que a Maria visitou-o
e. *...que ele pode visitar-me
f. *...que ele pode-me (sempre) visitar
g. *...que ele pode (sempre) me visitar
h. ... que ele me pode visitar

⁹Segundo Galves (1996), o movimento do verbo tende a desaparecer na língua coloquial nas estruturas interrogativas e focalizadas. Nos termos de Rizzi (1991), o PE estaria perdendo as estruturas de V2 “residual”.

¹⁰Entretanto, os advérbios de tempo e os advérbios sentenciais determinam a ênclise (cf. Barbosa (1991) citada por Torres Morais (1995)). Vejamos:

- (i) a. Ontem encontrei-o no cinema
b. *Ontem o encontrei no cinema
c. Provavelmente encontram-se no aeroporto
d. *Pro[^]avelmente se encontram no aeroporto

A próclise é desencadeada nesse tipo de sentença porque a posição de C° ou Spec de CP é ocupada por material lexical (cf. Rouveret 1989). Nas sentenças subordinadas que apresentam dois verbos adjacentes, o clítico somente pode ocorrer antes do verbo auxiliar, como vemos em (34h). Esse tipo de realização também se verifica em sentenças com dois verbos adjacentes que contêm palavras atratoras, como mostra (35):

- (35) a. Não se pode calcular
- b. *Não pode-se calcular
- c. Ninguém me pode avisar
- d. *Ninguém pode-me avisar

Os exemplos ilustrados em (30-35) nos revelam que é a presença de um elemento específico antes do verbo que obriga o clítico a se realizar em uma posição pré-verbal. De acordo com Rouveret (1989) “entre os elementos que precedem o verbo, apenas os que são de natureza quantificacional ‘atraem’ o clítico para a posição pré-verbal. Os NPs referenciais ordinários não têm esse efeito, mesmo quando eles estão no topo da sentença, como em:

- (36) Esse livro, a Maria deu-lhe ontem” (Rouveret, 1989, pag. 11).

No que se refere a posição ocupada pelo clítico no PE, vale colocar que a natureza interpretativa dos sintagmas pós-verbais não interfere na colocação de clíticos. A ênclise é obrigatória quando não há nenhum desencadeador da próclise em posição pré-verbal. Esse comportamento pode ser verificado nas sentenças abaixo:

- (37) a. Contaste-lhe que mentira?
- b. Eles leram-no a todos
- c. Ele leu-o também (Duarte e Matos 1995):

Nestes exemplos, a realização proclítica seria obrigatória se os elementos que se encontram à direita do verbo estivessem à esquerda. Essa observação torna evidente que a alternância próclise/ênclise em PE depende dos constituintes que precedem o verbo na sintaxe.

Enfim, podemos dizer que, por um lado, a ênclise está limitada às sentenças com o verbo em primeira posição, às sentenças raízes com sujeitos realizados, ou não, às sentenças com argumento nominal topicalizado, às imperativas. Por outro, a próclise está limitada às sentenças que têm palavras negativas, sujeito quantificado, sintagmas focalizados, certos advérbios e operadores.

1.3. Resumo

Este capítulo mostrou que o clítico, ao contrário de outros argumentos sintáticos como um DP lexical e um pronome, ocupa uma posição que não é típica de um argumento do verbo. Ele é um núcleo que se incorpora ao complexo verbal. E o mais intrigante é que ele pode se incorporar como proclítico ou enclítico. Este é o problema que discutimos na segunda seção deste capítulo.

Nela, vimos que a próclise e a ênclise em línguas românicas como o italiano, o francês e o PE, são determinadas por diferentes fatores. No italiano a distinção é definida a partir do tipo de verbo: a próclise ocorre com o verbo finito e a ênclise com o verbo não-finito. No francês, o clítico aparece antes, tanto do verbo finito quanto não-finito. Nesta língua, a ênclise somente ocorre nas imperativas positivas. No PE, os fatores que estão em jogo não têm a ver com o sistema flexional. É o tipo de constituinte em posição imediatamente pré-verbal que conta para determinar se é possível a próclise ou a ênclise.

Assim, o que desencadeia as diferentes posições nas três línguas rapidamente descritas são fatores distintos como a flexão ou sintagmas que precedem o verbo. O que é comum e importante de ressaltar é que na sintaxe dessas línguas o clítico vai estar sempre gravitando em torno de um verbo, seja aquele que lhe atribui ou não papel temático.

CAPÍTULO II - ANÁLISES

2.1 Kayne (1991)

Com o intuito de explicar as diferentes posições dos clíticos, Kayne (1991) parte do seguinte pressuposto: os clíticos das línguas românicas invariavelmente se adjungem à esquerda de um núcleo funcional (F). Nos casos onde esse núcleo funcional domina o verbo, o resultado é a ordem CL-V. A ordem V-CL, por sua vez, resulta do movimento do verbo para a esquerda, ultrapassando o núcleo funcional ao qual o clítico se adjungiu. Assim, este autor tenta dar conta das diferentes posições dos clíticos nas sentenças encaixadas infinitivas, em contraste com as encaixadas finitas, além de algumas particularidades dos clíticos em construções participiais.

Para concretizar a sua análise, Kayne aborda as sentenças infinitivas do francês (1) e do italiano (2);-na primeira ocorre a próclise e na segunda a ênclise:

(1) a. Lui parler serait un erreur

lhe falar seria um erro

b. *Parler lui serait un erreur

falar-lhe seria um erro

(2) a. Parlargli sarebbe un errore

falar-lhe seria um erro

b. *Gli parlare sarebbe un errore

lhe falar seria um erro

O autor considera sem poder explicativo postular um tipo diferente de adjunção do clítico para cada língua; em francês o clítico se adjunge à esquerda do verbo; em italiano o clítico se adjunge à direita. O poder explicativo dessa hipótese fica imediatamente comprometido quando se consideram sentenças finitas do italiano em que o clítico precede o verbo, como nas infinitivas do francês em (1). É o que evidenciam os exemplos de (3):

- (3) a. Sarebbe assurdo che tu gli parlassi
 seria assurdo que tu lhe falasse
 b. * Sarebbe assurdo che tu parlassigli
 seria assurdo que tu falasse-lhe

A hipótese dos dois tipos de adjunção é enfraquecida por (3), pois preci sañamos, mesmo dentro do próprio italiano, adjungir o clítico ora à esquerda ora à direita para explicar seu comportamento. O quadro ficaria ainda mais complicado se tentássemos uma análise unificada dos clíticos abrangendo o PE; Nesta língua, o clítico pode seguir o verbo tanto em estruturas infinitivas como em estruturas finitas, como vemos em (4):

- (4) a. A Maria pode encontrar-me ‘
 b. A Maria encontrou-me no úhimo final de semana

Kayne assume, então, que uma explicação para a ordem dos clíticos não pode ser dada em termos do tipo de adjunção e que a adjunção à direita não está disponível para os clíticos objeto.

Baseando-se em Williams (1981), Kayne (1991) postula que os clíticos românicos devem se adjungir a algum núcleo funcional e que a gramática universal (UG) permite núcleos vazios do tipo I aos quais os clíticos podem se adjungir. Entretanto, restringe os tipos de núcleos a apenas dois: "a) *traces (to wich a clitic may never adjoin)*; b) *non-traces abstract I nodes that are non-overt countepart of an otherwise legitimate I-type caiegory*". (Kayne, 1991; 650).

Conforme b), as sentenças infinitivas do italiano apresentam esse tipo de I abstrato ao qual o clítico se adjunge. Nesse tipo de sentença, o verbo realiza um movimento mais longo, já que ele saha o clítico que está adjungido á esquerda do núcleo fixncional T. Para tal estrutura temos a seguinte representação;

- (5) [V + Infn [Cl + T [i^ e] [vp[ve]]]]

O verbo salta o nóculo abstrato de flexão e se adjunge ao nóculo Infⁿ para incorporar o afixo de infinitivo. Desse modo, é desencadeada a ênclise, já que o clítico se encontra adjungido ao T abstrato. Por que o clítico não fica em Infⁱⁱ? Porque é um nóculo ocupado por um vestígio.

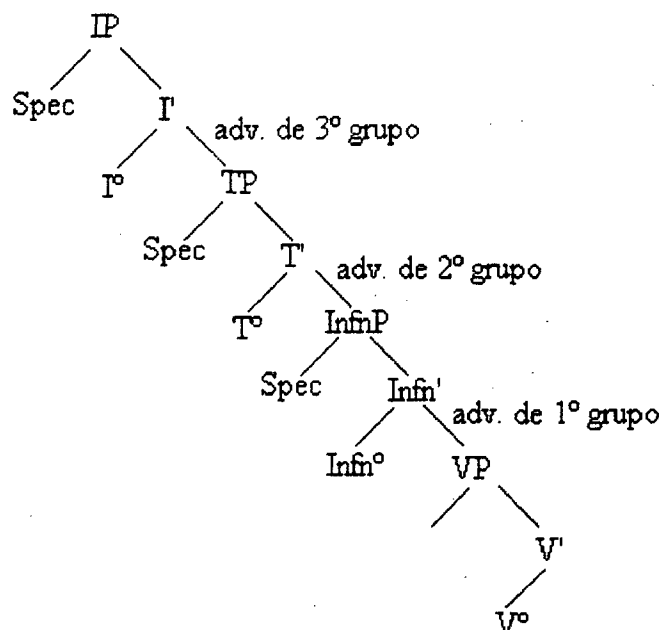
Nas sentenças infinitivas do francês, por outro lado, o verbo se movimenta somente até o núcleo Infⁱⁱ, e os clíticos se adjungem à esquerda de tal núcleo. Isto é, ao invés de o clítico se adjungir a T (como em (5)), ele se adjungirá a Infⁱⁱ e permanecerá lá. Nesse caso, o movimento do verbo é menos longo, como mostra (6).

(6) [T [Cl + [mfh V + Infⁱⁱ]][VP [ve]]]

Assim, o que se presume nesta análise é que a ordem Cl-V e V-Cl não depende do movimento do clítico, mas do movimento do verbo.

E para comprovar a hipótese do movimento do verbo mais ou menos longo nas línguas em questão, o autor se utiliza da posição do advérbio. Apoiando-se em Pollock (1989), afirma que os advérbios se dividem em três grupos quanto à posição: a) advérbios adjungidos à esquerda do VP, entre Infⁱⁱ e VP: ao se mover para Infⁱⁱ, o verbo cruza o advérbio; b) advérbios adjungidos à esquerda do InfⁱⁱP, entre T e InfⁱⁱP; em italiano, o verbo infinitivo se move para além da projeção de InfⁱⁱP e se adjunge à esquerda de T. Esse movimento adicional transporta o infinitivo para a esquerda de um certo tipo de advérbio. De acordo com Pollock (1989) o italiano difere do francês em que o advérbio ocorre necessariamente à direita do InfⁱⁱP; c) advérbios adjungidos à esquerda do TP, entre IP e TP: são os advérbios mais altos. Vejamos estas posições na representação que se segue:

(7)



Seguindo o mesmo raciocínio, Kayne também explica as construções com o participio passado, em especial o caso do italiano: a ênclise ocorre com o participio, mas somente em construções em que o auxiliar não está presente na sentença, como vemos em (8a). Se ele fizer parte da sentença, o clítico deve se alçar para a esquerda de tal verbo. É o que ilustra (8c) em contraste com (8b):

- (8) a. Ogni persona presentataci...
 toda pessoa apresentada-**nos**
- b. *Maria ha parlatoci
 Maria tem falado-**nos**
- c. Maria **ci** ha parlato
 Maria **nos** tem falado

O autor postula que em italiano o participio pode ter Agr e Tense: Agr com os traços de gênero e número e Tense, um núcleo abstrato vazio. Este é o caso de (8a): o verbo se move para Agr, onde recebe o afixo de gênero e depois se adjunge a TP. O a sublinhado em (8a) representa a concordância singular feminina. Quanto ao clítico, ele se adjunge à

esquerda de um T abstrato. De acordo com a sua explicação, temos a seguinte representação;

(9) ... Vpp + Agr... CL + T... [Agr e]... [v.p. [V e]] ...

O verbo participial se move para Agr, onde recebe o afixo de gênero e depois se adjunge à esquerda de T. O clítico não pode se amalgamar ao Agr porque há o vestígio do verbo e, assim ele se adjunge ao núcleo T. E como resultado, temos a ênclise^^

Concluindo; a ordem participio-clítico é derivada de modo similar ao que deriva a ordem infinitivo-clítico. Em ambos os casos o clítico se adjunge à esquerda de um núcleo funcional; T abstrato.

2.2. Belletti (1995)

Tendo em vista o comportamento dos clíticos nas línguas românicas, Belletti (1995) procura responder as seguintes questões; Por que os clíticos se movem? Para onde eles se movem? Por que eles aparecem às vezes como proclítico e às vezes como enclítico?

Para explicar as questões acima a autora se baseia na teoria da checagem morfológica apresentada no Programa Minimalista de Chomsky (1993). Nesta proposta de análise, um DP faz a checagem de Caso a partir do momento que ele ocupa a posição de Spec do Agr que é marcado por nominativo quando incorpora T e por acusativo quando incorpora o verbo; um DP nominativo faz a checagem em Spec de AgrS (combinado com T); já um DP acusativo faz a checagem em uma posição mais baixa, a de Spec de AgrO (combinado com o verbo). Esse sistema de checagem é determinado a partir da força de Agr. Se este apresentar um traço forte, a checagem será feita antes do *Spell-out*; se não, a checagem será feita depois do *Spell-out*.

” Esse tipo de explicação também pode ser estendida para a ordem participio-clítico nas chamadas construções absolutas (cf. Belletti (1981, 1989) e Kayne (1989c)):

(i) Una volta conoscitami, Gianni...

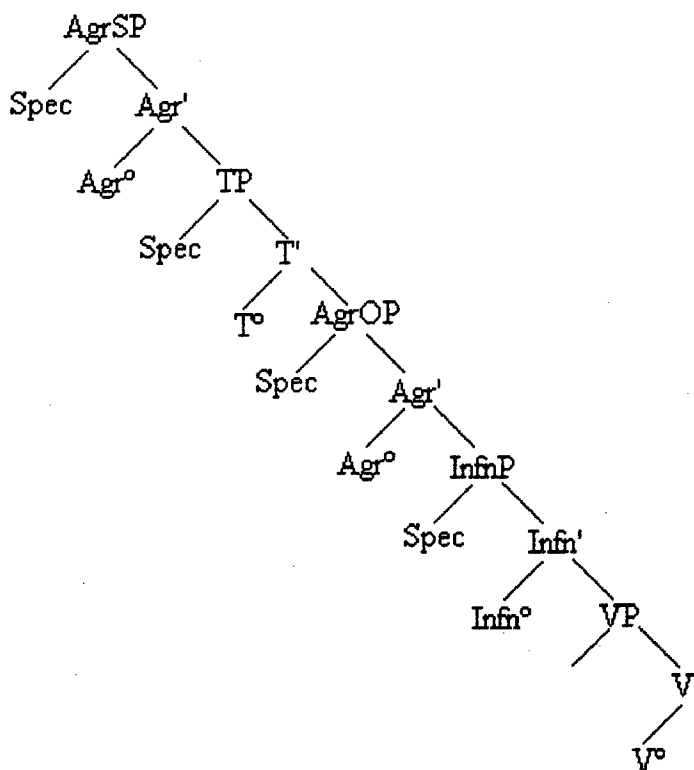
O clítico mi está adjungido à esquerda do T abstrato.

Partindo dessas considerações, Belletti avança duas hipóteses: a necessidade da checagem de Caso é responsável pelo movimento do clítico; e a checagem da morfologia flexional verbal desencadeia as diferentes posições, próclise e ênclise.

A autora define a que categoria os clíticos pertencem. E para isso, ela trata especialmente dos clíticos românicos (acusativos) de terceira pessoa, assumindo que eles pertencem à categoria D°.

Um dos pressupostos básicos de sua análise é que os clíticos se movem na sintaxe porque eles têm que checar um traço “forte” de Caso¹². O lugar para onde o clítico deve se mover é a projeção de AgrO. Mas como esta projeção não contém um traço forte de Caso *per se*, o clítico é obrigado a se incorporar ao verbo. A representação ilustrada em (10) mostra a ordenação de categorias funcionais assumida por Belletti:

(10)



Ao contrário do que propõe Pollock (1989), que T domina Agr, Belletti (1990), ao analisar as línguas românicas assume que Agr domina T, conforme a representação acima. No entanto, é preciso observar que o Agr em questão é o AgrSP, conforme Chomsky (1989), onde os traços do sujeito são checados. Já o AgrOP corresponde aos traços do objeto. E é nesta posição que o clítico checa os traços de Caso.

O clítico se movimenta em parte como núcleo e em parte como uma projeção máxima. Essa questão é explicada a partir de exemplos como os de (11);

- (11) a. Le ho salutate
as tenho saudadas
b. *Le ho salutato
as tenho saudado

em que o participio passado obrigatoriamente concorda com o clítico acusativo. Esse fato constitui uma evidência direta de que o clítico se move como uma projeção máxima, no mínimo, na primeira parte do movimento⁴. Já numa segunda parte, o clítico se submete a um movimento de núcleo, uma vez que na estrutura final ele aparece incorporado ao verbo.

Por que o clítico não pode se mover como núcleo desde o início da derivação? Para essa questão a autora fornece duas explicações; a primeira é que o clítico núcleo não deve se mover diretamente para AgrO porque violaria a restrição do movimento do núcleo; a⁵ segunda é que o clítico núcleo não deve se mover "step-by-step" para AgrO porque há duas objeções: se o clítico se mover primeiro para AgrPstPrt e em seguida o verbo for para a mesma projeção, a intervenção de D entre V e AgrPstPrt bloquearia a checagem de traços da concordância da morfologia verbal. Se o verbo se mover primeiro para AgrPstPrt e depois o clítico se mover para a mesma projeção, o clítico teria que se excorporar na derivação, uma vez que o mesmo não permanece ao lado do participio. Entretanto, no espírito minimalista da economia, não é possível o processo de excorporação.

Assim, a saída é postular que o clítico se move como uma projeção máxima até AgrO. E desta posição em diante ele se move como um núcleo.

⁴Os clíticos são os únicos elementos que aderem a um paradigma flexional de Caso. Há clítico acusativo, dativo, genitivo, partitivo, locativo e nominativo.

⁵Conforme Kayne (1989), o clítico se move para o Spec de AgrPstPrt concordando com o Agr núcleo.

No tocante à sua posição final, o clítico pode preceder ou seguir o verbo. No italiano, por exemplo, a próclise ocorre com o verbo finito e a ênclise com verbo não-finito.

(12) ilustra o paradigma básico:

- | | | |
|------|--------------------|--------------------|
| (12) | a. Le vedo | b. Le ho viste |
| | eu as vi | eu as tenho vistas |
| | c. Vederle | d. Averle viste |
| | vê-las tê-la vista | |
| | e. Vedendole | f. Vistele |
| | vendo-as vista-a | |

Para o caso da próclise, em orações finitas, a autora explica que o verbo somente se completa morfologicamente em AgrS, no italiano. E para não interferir na checagem morfológica, o clítico se adjunge à esquerda do verbo.

Para os casos de ênclise em contextos infinitivos, explica-se que a checagem morfológica do verbo é realizada abaixo de AgrO: em Infn, onde o verbo faz a checagem da morfologia infinitiva (cf Kayne (1991)). Entretanto, esse mesmo verbo precisa checar seus traços abstratos em AgrS (cf Belletti (1990) e Rizzi (1993)). Em função dessa checagem, o verbo se adjunge à esquerda do núcleo funcional em que o clítico está adjungido, e em seguida movimenta-se levando o clítico.

Esse tipo de explicação também se aplica a “*itwüt// clause*” com participio passado absoluto (cf Belletti (1990), (1992), Kayne (1989)), em que o clítico se realiza em posição pós-verbal. Observemos;

- (13) a. Vistala, Gianni si tranquillizzò
vista-a Gianni se tranqüilizou

Segundo Belletti (1995), nesse tipo de construção há um AgrPstPrt porque tem um verbo com essa morfologia verbal. E como o Caso acusativo é licenciado em construções participiais, evidentemente, a projeção de AgrO está presente. Assim, como o infinitivo, o verbo participial faz a sua checagem morfológica em uma posição abaixo de AgrO, o

AgrPstPrt. E feita a checagem, o verbo se move para além da projeção em que o clítico se encontra. Daí teremos a ênclise.

Um problema para a análise de Belletti surge com a possibilidade da próclise em infinitivas do francês, como vemos em (14), e a ênclise nas imperativas positivas, como vemos em (15):

- (14) a. Les voir
os ver
b. *Voir les
vê-los

- (15) a. Fais-le
faça-o
b. *Le fais
o faça

Para explicar o caso da próclise nas infinitivas do francês a autora se apoia em Pollock (1989): nesta língua o verbo infinitivo pode, opcionalmente, se mover para uma posição mais alta na oração. Se na infinitiva ocorre a próclise, então o verbo não se movimentou para T.

Para os casos ilustrados em (15), a explicação é que um operador (IMP) está presente na estrutura. E é nessa projeção que será feita a interpretação imperativa. Baseando-se no critério WH (Rizzi (1991)) e no critério Neg (Rizzi (1991), Haegeman (1992)), a autora postula também o critério Imp: um operador imperativo deve estar em relação Spec-núcleo com um núcleo imperativo, e vice-versa.

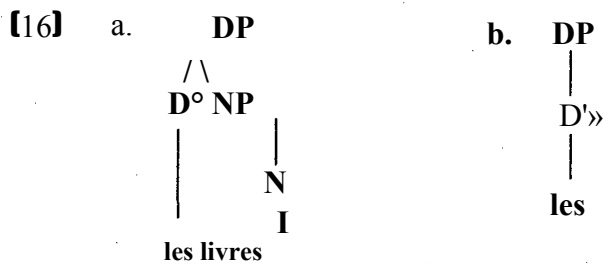
A fim de satisfazer o critério Imp, o verbo deve se mover para o núcleo da projeção CP (periférica). E é no Spec desta projeção que o operador imperativo vai estar presente. Assim, com o verbo em C, a ênclise é desencadeada.

2.3. Rizzi (1993)

Rizzi procura explicar, como Belletti (1995), o estatuto categorial, a razão do movimento, o lugar de pouso do clítico e, por fim, a oposição próclise/ênclise.

No que se refere ao estatuto categorial do clítico, Rizzi (1993) argumenta que, semanticamente, os clíticos românicos parecem funcionar como pronomes definidos, mas na sintaxe pronunciada eles não ocupam uma posição argumental. Além disso, morfologicamente os clíticos codificam mais informações do que os determinantes. Enquanto estes não fazem distinções de Caso, aqueles manifestam acusativo, dativo, genitivo, locativo, etc. Adicionalmente, os clíticos apresentam traços de pessoa.

Assumindo a teoria da checagem de Chomsky (1993), Rizzi argumenta que a obrigatoriedade do movimento do clítico está relacionada com a necessidade da checagem de traços, defendendo ainda a idéia de que o sistema de checagem morfológica pode ser estendido à estrutura interna nominal. Dessa forma temos, então, duas representações como ilustram (16a) e (16b):



Os determinantes, segundo Rizzi, são elementos que podem estar relacionados ao N(ome) ou relacionados ao V(erbo). Em (16a), os determinantes estão relacionados ao nome e têm seus traços checados por um núcleo nominal. Os traços morfológicos expressos em N° devem ser morfologicamente checados no núcleo funcional D°, através do movimento de N para D. Os determinantes em (16b), porém, são de outra natureza e não têm seus traços checados internamente ao DP.

Rizzi ainda coloca que nada no sistema minimalista de Chomsky obriga que a checagem dos traços-V sempre ocorra em configurações núcleo-núcleo, ou que a checagem dos traços-N sempre ocorra em configuração Spec-núcleo. Em particular, nada exclui, em

princípio, que a checagem de um traço nominal por um núcleo verbal se realize numa configuração núcleo-núcleo.

No que diz respeito à posição de pouso do clítico, Rizzi capta o essencial da análise de Kayne (1975) de que, nas línguas românicas, os clíticos são clíticos verbais. Propõe que os clíticos são determinantes relacionados aos verbos e não aos nomes, o que os leva a ter seus traços checados em núcleos funcionais relacionados aos verbos. Em outras palavras, o lugar para onde o clítico se move é um núcleo funcional que possui traços que deverão ser checados pelo verbo. Esta categoria tem traços que os clíticos manifestam e, conseqüentemente, é um núcleo funcional do tipo Agr. Rizzi sugere que a posição de um clítico seja um Agrcl (onde cl abrevia clítico): uma recursão de nódulos de AgrO.

Quanto à posição final do clítico, sabe-se que ele pode se realizar ou como próclise, ou como ênclise ao verbo. E para ilustrar esse fato o autor tem como base os dados do italiano: o clítico precede o verbo finito, como ilustra (17a), e segue o verbo não-finito, como em (17b):

- (17) a. La conosco
eu a conheço
b. Conoscerla
conhecê-la

Além disso, as imperativas afirmativas, (18a), admitem a ênclise; mas as negativas admitem tanto a ênclise quanto a próclise, como mostram (18b) e (18c):

- (18) a. Prendilo
pegue-o
b. Non prenderlo
não pegue-o
c. Non lo prendere
não o pegue

Com base nesses fatos, Rizzi propõe que na próclise, o verbo não está morfologicamente completo quando se adjunge ao clítico em AgrO. O verbo finito deve checar seus traços de tempo e de concordância em AgrS. Assim, para não interferir no processo de checagem do verbo, o clítico se adjunge em posição pré-verbal.

No caso da ênclise, que ocorre somente com o verbo não-finito, explica-se que o verbo já checou a sua morfologia de infinitivo em Infn quando se move para o lugar da cliticização, e por isso pode ultrapassar a posição a qual o clítico está adjungido e se mover para além dela. Mas Rizzi ressalta que esse movimento deve ser cíclico, para não violar a Restrição do Movimento do Núcleo.

Baseando-se em Benincà e Cinque (1993), Rizzi assume que o verbo não-finito e o enclítico formam um constituinte sintático; entre os dois há um grau mais alto de coesão do que entre o verbo e o proclítico. Um verbo que hospeda um proclítico pode ser coordenado, como mostra (19a) mas um verbo que hospeda um enclítico, não pode, como mostra (19b).

- (19) a. Gianni Io legge e rilegge infinitive volte
Gianni o lê e relê infinitas vezes
b.*Per leggerlo e rileggere infinite volte
para lê-lo e reler infinitas vezes

A única possibilidade com a ênclise é quando se repete o clítico:

- (20) Per leggerlo e rileggerlo infinitive volte
para lê-lo e relê-lo infinitas vezes

Devido a esses dados, Benincà e Cinque assumem que o clítico e seu hospedeiro formam um constituinte sintático em ambos os casos; mas somente nos casos de ênclise, verbo e clítico se índem formando uma única palavra.

Uma segunda evidência para a hipótese de que o verbo e a ênclise formam uma unidade é que o clítico se move com o auxiliar nas construções chamadas Aux-para Comp (cf Rizzi 1982) e ilustrada em (21):

- (21) Avendola Gianni restituita al direttore
tendo-a Gianni restituida ao diretor

Para explicar a ênclise nas sentenças imperativas, o autor assume que nesse tipo de construção há o movimento do V+I para C em função do critério imperativo (uma versão para o imperativo do Critério WH das interrogativas). E, em consequência, o que vamos ter é a ênclise, como vimos em (18a) e podemos ver também em (22);

- (22) a. Prendiamolo
peguemo-lo
b. Prendetelo
peguem-no

Já nas imperativas negativas, que admitem tanto próclise quanto ênclise, o autor assume que o paradigma imperativo negativo tem dois possíveis lugares em que pode ser feita a checagem morfológica: Infn e AgrS. Se a checagem for feita em Infn, temos a ênclise; se for feita em AgrS, temos a próclise. Vejamos (23), além de (18b) e (18c);

- (23) a. Non prendetelo
não peguem-no
b. Non lo prendete
não o peguem

Além dessas explicações, Rizzi lembra que a ênclise também ocorre em contextos finitos em línguas românicas, como por exemplo no PE. Vejamos os exemplos abaixo:

- (24) a. Ele encontrou-me na festa
b. A Maria deu-lhe esse livro ontem

Segundo Uriagereka (1992), citado por Rizzi (1993), o lugar de pouso do clítico nesse tipo de língua é um núcleo funcional acima de AgrS, para onde o verbo se movimenta

dependendo de diferentes fatores. Mas, para Rizzi (1993), esse núcleo é identificado como uma recursão de AgrC. Se o verbo permanecer no núcleo de AgrS, a ênclise não pode ocorrer, pois interferiria na checagem morfológica do verbo. Assim, o verbo se movimenta para o AgrC, e a ênclise é derivada.

2.4. Uriagereka (1995)

Baseando-se no arcabouço do Programa Minimalista de Chomsky (1993), Uriagereka investiga as posições dos clíticos “especiais” em línguas românicas. Ele postula que a sintaxe da especificidade e da referencialidade seja responsável pelo movimento do clítico. Além disso, ele sustenta a hipótese da existência de um lugar periférico ativo na sentença, chamado de F, objetivando explicar as diferentes posições dos clíticos em dialetos românicos, como o espanhol, o galego, o francês entre outros.

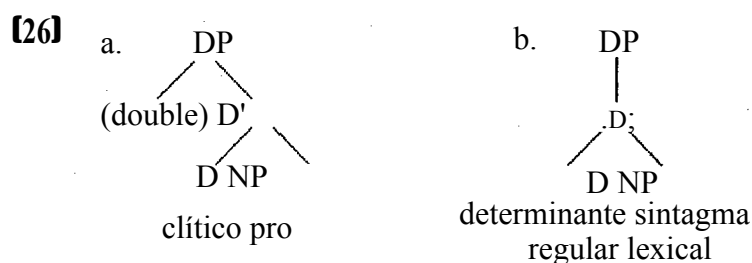
Enquanto uma língua como o francês tem um F inativo na sintaxe, línguas como o espanhol e o galego têm um F ativo que seleciona IP (ou AgrSP) como complemento. As línguas com um F ativo “hospedam” o clítico em tal lugar; já as línguas com um F inativo empregam estratégias diferentes. Além dessa proposta, o autor discute as diferenças entre um clítico determinante fraco e um clítico pronominal forte. Segundo ele, esses tipos de clíticos apresentam movimentos distintos.

No que se refere ao estatuto categorial dos clíticos, Uriagereka argumenta que as semelhanças dos clíticos acusativos de terceira pessoa com os determinantes não são apenas de ordem semântica, mas também de natureza formal. Esse tipo de clítico e os determinantes são referenciais e expressam argumentos definidos. No galego, por exemplo, os clíticos acusativos de terceira pessoa têm formas idênticas aos artigos definidos, como mostra o quadro abaixo:

(25) Quadro de clíticos e determinantes

	Clítico	Determinante
Masc/ sing.	o	o
Fem/ sing.	a	a
Masc/ plur.	os	os
Fem/ plur.	as	as

Renovando a análise de Postal (1969), Uriagereka apresenta (26):



(26) é uma extensão natural da hipótese de DP, mas ele acrescenta que o clítico deve se mover para uma outra posição na sintaxe visível. E esse movimento pode ser decorrente de fatores de ordem morfológica e semântica. Além disso, o autor assume que se o clítico é mesmo um núcleo, ele deve se mover como propôs Kayne (1989).

Apesar da similaridade entre os pronomes e os clíticos, seus lugares de pousos são diferentes. Uriagereka sustenta a hipótese de que o clítico, em especial, se move para F, um lugar acima de AgrS. Dessa forma, o autor explicará as variações na posição do clítico em algumas línguas românicas. Segundo ele, são essas variações que produzem as diferentes posições: próclise *versus* ênclise.

2.4.1. As diferentes posições no espanhol

No espanhol (moderno) a próclise ocorre com o verbo finito, como vemos em (27a), e a ênclise com o verbo não-finito, como ilustra (27b):

- (27) a. **Lo** oimos
 nós o ouvimos
 b. Paraoirlo...
 para ouvi-lo

Assumindo que nesta língua o clítico se adjunge à posição F, num exemplo como (27a) o verbo finito se encontra em IP e o clítico em F, resultando em próclise. Já em (27b), o verbo ao invés de permanecer dentro de DP é alçado para F, desencadeando, assim, a ênclise.

Se de fato o clítico está adjungido à posição F, resta saber onde se encontra o sujeito em um exemplo como (28):

- (28) Nosotros **Io** oimos
 nós **o** ouvimos

Segundo Uriagereka, em (28) o sujeito pode ter se movimentado, por ênfase, para o Spec de F, ou ter se deslocado para a esquerda, ligando-se a *umpro* em IP.

2.4.2. O Galego e o Movimento Minimalista de Núcleo

No galego o clítico se realiza em posição pós-verbal apenas em orações principais, como vemos em (29a). Já a próclise ocorre nas sentenças subordinadas, como mostra (29b), e nas sentenças que dispõem de sintagmas WH e elementos negativos, como vemos em (29c) e (29d):

- (29) a. Ouvimo-lo
 nós ouvimos-o
 b. Quero que **o** oiades
 eu quero que **o** ouça
 c. Quén **o** ten ouvido
 quem **o** tem ouvido

- d. Non o ten ouvido
não o tem ouvido

Nesta língua, o clítico e o verbo se movem para F. No entanto, no que diz respeito ao movimento do verbo, o autor, baseando-se no arcabouço Minimalista, alerta que o verbo não pode se mover livremente para F, o que violaria a estratégia *Greed*¹⁴. Para o autor, o movimento do verbo está de algum modo relacionado ao fenômeno V2, e por isso propõe que F, ao invés de C, seja o lugar de pouso do verbo. E é para lá também que o clítico se move.

Uma evidência de que o clítico realmente se move para F é ilustrada pelo exemplo abaixo:

- (30) a. Cantas veces a Pedro veu
quantas vezes a Pedro viu

Neste exemplo, o clítico não está proclítico ao sujeito *Pedro*, a menos que o clítico possa adjungir a uma projeção máxima. Para Uriagereka, o clítico está em F e o sujeito e o verbo estão em IP. Isso quer dizer que nem sempre o verbo se move para F.

2.4.3. O francês e a cliticização sem F

O francês não tem um F ativo que não pode portanto atrair o clítico. Nesta língua, excetuando as imperativas, os clíticos são sistematicamente proclíticos tanto em sentenças finitas, como em (31a), quanto em infinitivas, como em (31b).-

- (31) a. Tule feras
tu o fará
b. Elle va le faire
ela vai o fazer

¹⁴ *Greed* é um princípio do minimalismo que enuncia que nenhum elemento pode se mover para 'ajudar' outro; ou, um elemento só se move para checar um traço seu, nunca um traço de outro.

Em sentenças com dois verbos, o clítico também se realiza em posição pré-verbal, mas apenas com o verbo auxiliar, como ilustra o exemplo abaixo:

- (32) Paul *r a* insultée et mise à la porte
Paulo **a** tem insultada e colocada para fora

Para explicar a colocação do clítico em francês, Uriagereka (1995), seguindo Koopman (1994) e outros, assume que entre AgrO e V há uma categoria funcional; a projeção Aspectual (AsP). É para esta projeção que o verbo, em francês, deve ser alçado. Nesta língua, o verbo não pode ser alçado para AgrS, como nas outras línguas românicas com morfologia forte de concordância, porque o AgrS não é capaz de licenciar um *pro*. Assim, não há motivação para o verbo se movimentar para além de AsP.

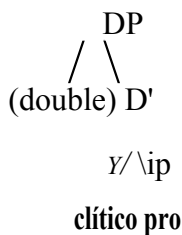
Quanto ao clítico determinante, este se move e se adjunge ao verbo em AsP. Antes, porém, o verbo e o clítico checam seus traços de concordância no Agr da projeção de AsP, desencadeando, assim, a concordância Spec-núcleo do clítico objeto e o verbo. Uma evidência desse processo é ilustrada pelos exemplos abaixo:

- (33) a. Paul *a* repoint/*es les chaises
Paulo tem repintado/* repintadas as cadeiras
b. Paul **les** *a* repeintes
Paulo **as** tem repintadas

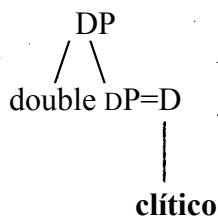
O objeto direto *in situ* não concorda com o particípio passado, como mostra (33a). Quando o objeto se cliticiza, a concordância entre o particípio e o clítico é desencadeada. Todavia, o clítico não permanece ao lado do particípio, como vemos em (32). Para esse caso, Uriagereka sugere que uma projeção AgrO domina o auxiliar *a* e por isso o clítico procura tal projeção.

Por fim, Uriagereka discute os tipos de clíticos. Segundo ele, há dois tipos: os determinantes fracos (do tipo D) e os clíticos frasais fortes (que não são do tipo D). Vejamos as suas estruturas:

(34) a- clíticos fracos



b. clíticos fortes



Para o autor, os clíticos caracterizados como fracos são os de terceira pessoa. Já os clíticos de primeira e segunda pessoa são analisados como fortes. A diferença entre os dois tipos de clíticos é que enquanto um clítico fraco seleciona um NP *pro* como argumento interno, o clítico forte não, como é representado em (34). Além disso, os dois tipos de clíticos realizam movimentos distintos. Os clíticos de terceira pessoa se movem apenas como núcleo. Já os de primeira e segunda pessoa movem-se primeiro como sintagmas e depois como núcleo.

Os clíticos fortes também pousam em F, mas somente se a língua dispuser de tal projeção, como é o caso do espanhol e do galego. Já uma língua como o francês, F não é projetado e o clítico forte não se movimenta para lá.

Em resumo, nem todas as línguas têm um F ativo. Quando este é morfologicamente ativo, o clítico se movimenta para lá. Quando F é inativo (ativo somente na FL), o clítico é forçado a se afixar em uma posição mais baixa na estrutura da oração. Quanto aos clíticos, estes podem ser fortes ou fracos. Quando fortes, eles se movem como projeção máxima e como núcleo. Quando fracos, eles se movem apenas como núcleo.

2.5. Galves (1996)

A autora se propõe a analisar a mudança de colocação dos clíticos do português clássico (doravante PCL) ao PE moderno. No PCL, próclise e ênclise se alternavam nas orações raízes com sujeito realizado, como podemos ver nos exemplos abaixo¹;

¹Os exemplos citados por Galves são tirados de Torres Moraes (1995).

- (35) a. O amigo Pedro Antônio me disse ultimamente que V. M me remetia mais tabaco...
- b. ...mas o papa, que presidiu à elaboração dele, o consolou, declarando-o ex. Geral
- c. A última carta que recebi de V.Exma deu-me uma consolação inexplicável
- d. O ar parece-me bastante benigno

Já no PE, nesse mesmo contexto, só a ênclise é permitida, como ilustra (36):

- (36) a. A Maria deu-lhe esse livro ontem
- b. * A Maria lhe deu esse livro ontem

A próciise, por sua vez, ocorre com interrogativos (37a), sintagmas focalizados (37c), elementos negativos (37e) e quantificadores (37g);

- (37) a. Que livro a Maria lhe deu ontem
- b. *Que livro a Maria deu-lhe ontem
- c. Muito trabalho me deu essa descrição
- d. * Muito trabalho deu-me essa descrição
- e. A Maria não lhe deu esse livro ontem
- f. * A Maria não deu-lhe esse livro ontem
- g. Todos os alunos se riram
- h. * Todos os alunos riram-se

Esse tipo de realização também se verifica nas orações encaixadas, como mostra o contraste abaixo:

- (38) a. Sei que a Maria lhe deu esse livro ontem
- b. *Sei que a Maria deu-lhe esse livro ontem

Com o propósito de explicar essas diferenças, Galves (1996) postula que as formas enclíticas correspondem a palavras construídas no léxico enquanto que as formas proclíticas são geradas na sintaxe. A ênclise, tanto no PCL quanto no PE, se submete a um processo de verificação de traços em Comp. Segundo a autora, no PCL o verbo se move para Comp, o que é justificado por esta língua apresentar características de língua “V2”. Porém, este movimento não se observa no PE.

A variação próclise e ênclise no PCL se deve à disponibilidade de duas posições para o sintagma pré-verbal, sujeito ou não: uma posição interna à oração, e uma externa à oração. A próclise corresponde ao primeiro caso, e a ênclise ao segundo. Vejamos a representação da próclise:

(39) [f_p XP [f CL-V]]...

Nesse caso, XP corresponde a qualquer sintagma pré-verbal, inclusive o sujeito.

Quanto à ênclise, a representação é a seguinte:

(40) XP [f_p [f V-CL]]...

Segundo a autora, se o verbo estiver em primeira posição absoluta dentro de FP, a ênclise é obrigatória, como mostrado em (40). Se o verbo não estiver, a próclise ocorre, como vimos em (39).

Seguindo esse mesmo raciocínio, Galves (1996) propõe uma formulação nos moldes da teoria da verificação de traços apresentada por Chomsky (1993). As hipóteses são:

- a) Os clíticos são feixes de traços pronominais (traços-O), ou seja, em termos categoriais, correspondem à categoria Agr;
- b) Eles podem ser gerados diretamente em posições argumentais, sofrendo adjunção ao verbo em seguida, e nesse caso, temos a próclise. Eles podem também ser morfologicamente associados ao verbo antes do início da derivação, e temos então a ênclise;
- c) A ênclise com o verbo finito põe em jogo a categoria Comp.

Galves (1996) argumenta que a primeira hipótese se opõe à idéia de que o clítico é um determinante (D), apesar da identidade morfológica do clítico de terceira pessoa e do artigo nas línguas românicas.

Quanto à segunda hipótese, esta constitui uma formulação, no sistema minimalista, da afirmação de Benincà e Cinque (1993) de que, na ênclise, o verbo e o clítico formam uma unidade morfológica. Isto é justificado pelos fatos de coordenação, como mostram os exemplos do francês:

- (41) a. Il chantera et dansera avec nous
 ele cantará e dançará conosco
 b. *Chantera-t-il et dansera avec nous
 cantará-ele e dançará conosco
 c. Jean le lit et relit sans cesse
 Jean o lê e relê sem parar
 d. *Lis et relis-la
 leia e releia-a

Esses dados evidenciam que, quando estiver em posição pré-verbal, o clítico pode ocorrer com o primeiro verbo numa coordenação, como mostram os exemplos (41a) e (41c). Entretanto, quando o clítico estiver em posição pós-verbal, a coordenação é impossível nos moldes acima, como revela a agramaticidade de (41b) e (41d).

Em rumeno, dois clíticos podem ser coordenados quando estão em próclise, como mostra (42a), mas nunca quando estão em ênclise, como mostra (42b):

- (42) a. Imi se íti serie
 me e te escreve
 b. *Dindu-mi si îi cartea
 dá-me e lhe um livro

Esses fatos mostram que CL-V e V-CL não constituem o mesmo objeto. E para explicar essa distinção, Galves considera, com base no minimalismo, que toda morfologia flexionai

já vem inscrita na palavra no início da derivação. Além disso, a sua interação com a estrutura sintática é tratada como o efeito do jogo da verificação de traços. De acordo com esses pressupostos, a autora coloca que a próclise é o resultado de uma adjunção do clítico ao verbo. Já a ênclise resulta de uma formação do léxico que produz V+CL. Assim formado, este item é inserido na derivação, da mesma forma que um item com os traços de concordância.

Quanto à terceira hipótese, Galves coloca que a categoria Comp é associada a uma matriz de traços-O, mais precisamente, Agr. Essa hipótese assegura que uma categoria como F, como propuseram Uriagereka (1992) e Raposo (1995), não é senão um Comp associado a uma matriz de traços-<I), ou seja, um elemento de concordância. As línguas que apresentam essa particularidade têm funcionamento de língua de tópico, como é o caso do PCL e do PE. Todavia, essas duas línguas instanciam concordâncias distintas em Comp.

Na primeira, o verbo se move para Comp, e temos uma língua de tipo V2. Na segunda, o verbo não se move para Comp, e temos efeitos residuais de V2, a ênclise, bem como efeitos de língua de tópico, o objeto nulo.

Quando o verbo vai para Comp, pode se dizer que o movimento é decorrente do traço-V forte existente em Comp. É um processo realizado antes do *Spell out*. Já em uma língua como o PE, em que Comp não tem traço-V forte, a concordância em tal projeção só pode ser satisfeita por um movimento de traços posterior a *Spell-Out*. Esta é uma diferença paramétrica que caracteriza a sintaxe da colocação dos clíticos.

2.5.1. A derivação no PCL

Em uma língua V2, como é o caso do PCL, os traços de Comp podem ser verificados pelo sujeito ou por um outro sintagma da oração. Nesse caso a ênclise não pode ocorrer, como mostra (43):

(43) *[cpXPi[ciV-CL],...]

Se a ênclise é excluída, a próclise se torna obrigatória, como mostra (44):

(44) [cp XPi [c,CL-V]...]

Se nenhum sintagma se move para o especificador de Comp, os traços-O de Comp só podem ser verificados pelo clítico. Assim, a ênclise é obrigatória, como ilustra (45):

(45) XP[cp [ci V-CL]...]

Segundo Galves, de fato, especificador e clítico competem pela verificação envolvendo os traços-O de Comp. Nessas condições, um sintagma pré-verbal, sujeito ou não, não pode estar no domínio de verificação desses traços numa construção enclítica. Isso significa que deve estar fora da fronteira de oração, como representado em (45).

2.5.2. A derivação no PE

O PE não é uma língua na qual o verbo se move para Comp, dada a ausência de um traço V- forte associado aos traços-O de Comp. Para uma estrutura enclítica, postula-se uma representação como (46):

(46) [cp O [_{AgrP} NP V-CL]]

Nesse caso, o verbo e o clítico se encontram no Agr associado a Comp^{^^}. A concordância em Comp só pode ser satisfeita por um movimento de traços posterior a *Spell-out*. É uma representação diferente daquela que vimos em (45).

Para uma estrutura proclítica, postula-se (47):

(47) [CP X op [AgrP NP CL-V]]

Nesse caso, Comp não tem traços-O e a derivação converge porque o clítico, sendo interpretável, não precisa de verificação. Além disso, a autora argumenta que Comp participa de uma operação sobre a sentença antes ou depois do *Spell-out*. Antes de *Spell-*

out, temos as estruturas em que um elemento interrogativo (37a) ou focalizado (37c) se deslocou para o Spec de Comp. Depois do *Spell-out*, temos o movimento dos traços de negação (37e) e dos traços lógicos associados aos quantificadores (37g). Quanto às encaixadas, elas não podem ter um Comp associado a Agr, uma vez que a relação de concordância que esse Agr implica é local. Assim, a próclise é obrigatória.

Em suma, tendo em vista a verificação de traços antes e depois de *Spell-out*, é possível apresentar uma análise para a ênclise e a próclise em línguas como o PCL e o PE.

2.6. Resumo;

Este capítulo mostrou que os autores ao tratar da cliticização em línguas românicas não só se preocupam em explicar as diferentes posições, próclise e ênclise, mas debatem também questões como, a natureza categorial dos clíticos, a razão pela qual se movem e para onde se movem e a sua relação com outros aspectos da sintaxe das línguas.

Kayne (1991), ao explicar a oposição próclise e ênclise, baseia-se no seguinte pressuposto; os clíticos das línguas românicas se adjungem à esquerda de um núcleo funcional. É uma idéia mantida também pelos autores minimalistas. Para Kayne, a próclise é a posição natural do clítico. Já a ênclise é resultado de um movimento suplementar do verbo.

Rizzi (1993) e Belletti (1995) assumem que o clítico pertence a categoria D°, já que os clíticos acusativos de terceira pessoa se assemelham em alguns aspectos com os determinantes. Porém, o clítico se move na sintaxe porque ele tem um traço "forte" de Caso a ser checado. Mas para onde ele se move? De acordo com Belletti, o clítico se move para a projeção de AgrO, mas como esta projeção não contém um traço forte de Caso *per se*, o clítico é obrigado a se incorporar ao verbo. Para Rizzi, o clítico se move para Agrcl; uma recursão de AgrO.

No tocante à posição final do clítico, Rizzi e Belletti explicam que, no caso da próclise em orações finitas do italiano, o verbo finito somente se completa morfologicamente em AgrS. Assim, para não interferir na checagem morfológica, o clítico se adjunge à esquerda do verbo.

No caso da ênclise, com verbo não-finito, o verbo se completa morfologicamente em uma posição abaixo de AgrO: em Infn. Por isso, o verbo pode ultrapassar o núcleo ao qual o clítico está adjungido e se mover para além dele, levando junto o clítico. A razão do movimento desse tipo de verbo é a checagem de traços abstratos acima de AgrO.

Um problema para esse tipo de explicação é a próclise com verbos não-finitos no francês. Belletti resolve a questão sugerindo que, no francês, o verbo infinitivo pode opcionalmente se mover para uma posição mais alta na oração.

Quanto às imperativas do francês, há uma projeção Imp para onde o V+I deve se mover. Nesse caso é desencadeada a ênclise. Já nas imperativas negativas do italiano há duas posições em que pode ser feita a checagem: Infn e AgrS. Na primeira situação ocorre a ênclise; na segunda, a próclise.

Uriagereka (1995) com o intuito de explicar as diferentes posições dos clíticos em línguas como o galego, o francês e o espanhol, postula a existência de uma projeção periférica (F) na sentença. Nas línguas em que o F é ativo na sintaxe, o clítico se movimenta para lá, como é o caso do galego e do espanhol. Já o francês tem um F inativo (ativo somente na LF), e por isso o clítico não se move para tal projeção.

Galves (1996) também propõe esse tipo de explicação para o PCL e o PE, porém com uma diferença: a projeção chamada de F por Uriagereka (1995) não é senão um Comp associado a uma matriz de traços O, ou seja, a um elemento de concordância. É para essa projeção que o complexo V+I e o clítico se movimentam. A diferença básica entre o PE e o PCL é que nesta última o complexo V+I e o clítico se movem para o núcleo de CP, já que é uma língua que apresenta características do fenômeno V2. No PE, o complexo V+I e o clítico não se movem para Comp na sintaxe visível, mas para um Agr associado a Comp.

Em resumo, vimos que no âmbito da Teoria Gerativa, tanto os autores pré-minimalistas quanto os autores minimalistas têm um objetivo em comum: explicar os problemas relacionados à cliticização na sintaxe das línguas românicas, em especial, a posição ocupada pelo clítico.

CAPÍTULO III - OS CLÍTICOS NO PB

Em muitos trabalhos sobre o PB (Pereira (1981), Duarte (1986), Cyrino (1993) Pagotto (1992)), os clíticos são abordados indiretamente como um sistema defectivo ou em mudança. Apesar da inegável importância de tais trabalhos, parece haver necessidade de que esse assunto seja trabalhado sincronicamente, sem conter necessariamente considerações de caráter histórico. Trata-se de tentar descrever como o PB se comporta sintaticamente em relação aos clíticos, já que evidencia um comportamento bastante distinto das outras línguas românicas. As diferenças podem ser notadas tanto no sistema como no posicionamento dos clíticos.

Como as outras línguas românicas, o PB reparte o sistema pronominal em dois subsistemas complementares: o dos clíticos e o dos não-clíticos. Enquanto o subsistema dos não-clíticos apresenta paralelismos entre as línguas, o dos clíticos do PB é bastante particular. Os clíticos das outras línguas românicas constituem um sistema rico enquanto que os do PB apresentam-se um tanto empobrecido. Em correlação com o empobrecimento do sistema de clíticos, esta última língua dispõe de alternativas para expressar o que os clíticos expressam nas outras línguas.

Quanto ao posicionamento do clítico, o PB generaliza a próclise nas sentenças raízes, subordinadas e imperativas, tanto em sentenças com um só verbo quanto em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, e tanto com verbo finito quanto verbo não-finito. Já a ênclise é um fenômeno ou localizado ou altamente marginal no PB falado. Além disso, o PB opera com dois grupos de clíticos: *me, te, se, Ihe(s), nos*, em oposição a *o(s) e a(s)*. Os dois grupos não se distribuem de forma homogênea.

Tendo em vista essas e outras particularidades, na primeira parte deste capítulo apresentamos o sistema de clíticos do PB e uma descrição de sua distribuição. E, com base no aparato teórico apresentado no capítulo anterior, apresentamos na segunda parte uma tentativa de explicar seu comportamento. Nos dois aspectos, como notado por vários estudiosos, o PB apresenta particularidades de grande interesse para os estudos sintáticos.

PARTE I - O SISTEMA E A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NO PB

3.1. O sistema de clíticos

O paradigma de pronomes do PB é em vários aspectos distinto do das outras línguas românicas. A distinção se aprofunda quando se tem em conta o subsistema dos clíticos. Observe o quadro abaixo:

(1)0 paradigma dos pronomes pessoais ¹⁷

Clíticos	Não-clíticos		
	Nominativo	Acusativo	Oblíquo
Me	Eu	(Eu)	Mim
Te	Você (tu)	Você	Você (ti)
O, a, se, lhe	Ele, ela	Ele, ela	Ele, ela, si
Nos	Nós	(Nós)	Nós
—	Vocês	Vocês	Vocês
Os, as, se, lhes	Eles, elas	Eles, elas	Eles, elas

Vimos que os clíticos não se distribuem como os pronomes. Estes ocupam posições argumentais enquanto os clíticos são núcleos. Por serem núcleos, o clítico vai fazer parte do complexo de núcleos que gravitam em torno do verbo.

O quadro abaixo sintetiza as propriedades dos clíticos apresentadas no Capítulo I:

¹⁷Os pronomes entre parênteses estão em variação dialetal. Os de segunda pessoa *tu* e *ti* são próprios de certas regiões, como Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O acusativo de 1ª pessoa *eu* alterna com o clítico *me* de modo um tanto diferente de *elelo*: o *ine* não perdeu terreno para o *ew* da mesma forma que *o* perdeu terreno para o *ele* (e o objeto nulo). Além disso, a forma nominal *a gente* funciona no sistema muitas vezes como *mn* pronome, substituindo em especial o pronome *nós* em todas as formas.

(2) Propriedades dos pronomes e dos clíticos

Propriedades	Clítico	Pronomes
Ocupa posição A	-	+
É um núcleo	+	-
Ocupa posição adjunção	-	+
Ocorre como item isolado	-	+
Pode ser coordenado	-	+
Pode ser acentuado	-	+

O quadro (2) mostra que clíticos e pronomes são complementares. Entretanto, se consideramos estas duas classes do ponto de vista da Teoria da Vinculação, a complementaridade não se mantém: ambas as classes contêm pronominais e anafóricos. Em geral, essas propriedades são compartilhadas pelas línguas românicas.

Entretanto, o PB se distingue por apresentar um sistema de clíticos menos rico que o do francês, por exemplo. Para comparar, apresentamos um quadro de Perlmutter (1972) e citado por Sportiche (1992):

(3) Quadro dos clíticos no francês

Nom	Neg	1727refl.	Acusativo	Dativo	Loc	Gen
il	ne	me/te/se nous	le/la/les	lui/leur	Y	en

Esse quadro mostra que o sistema do francês é composto por clíticos de diversas naturezas, mesmo os que não são estritamente pronominais, como é o caso do clítico negativo *ne*. Além disso, (3) evidencia a ordenação relativa dos clíticos, o clítico sujeito *il* (4a) e (4b) sendo o que ocorre mais à esquerda e o clítico genitivo *en* (4c) o que ocorre mais à direita no complexo de núcleos incorporados:

- (4) a. **D le lui** donnera
 ele **o lhe** dará
- b. **D ne le lui** donnera pas
 ele neg **o lhe** dará neg
- c. **Ne pas leur en** avoir parlé
 neg neg **lhe** dele ter falado

O que os exemplos mostram, ainda, é que mais de um clítico pode ocorrer acoplado a um verbo. Assim, a riqueza do francês pode ser traduzida como somando duas características: o francês é rico quanto número de clíticos e permite usar vários deles numa única sentença com um único verbo.

Se estabelecemos uma comparação entre o PB e o francês, vemos que as duas línguas se comportam de modo diferente. Em primeiro lugar, observemos o quadro de clíticos do PB, onde utilizamos a rima silábica para distinguir os clíticos:

(5) Quadro de clíticos no PB

Neg	Clíticos com rima [+e]	Clíticos com rima [-e]
não	me/te/se/lhe(s) /nos**^^	o(s)/ a(s)/ lo(s)/la(s)

Sem dúvida, a tabela (5) do PB se apresenta empobrecida em relação à tabela (3) do francês. Nessa língua não há clíticos nominativos*^, locativos e genitivos. Além disso, a existência de clítico negativo não é ponto pacífico. Mioto (1992) defende que o *não* que nega sentença é um clítico, apontando como um dos argumentos o fato de *não* ser átono

¹⁸ Cumpre observar que, apesar de o clítico *nos* ser de rima [-e], ele se comporta como os clíticos de rima [+e]. Por isso, o incluímos na classe dos clíticos de rima [+e].

¹⁹ Não tenho o que dizer a respeito do clítico *se* indeterminado (ia) e (ib) e passivador (ic) e (id), de sentenças como:

- (i) a. Precisa-se de operários
 b. Aqui se trabalha muito
 c. Vendem-se casas
 d. Aqui se vende muita casa

Este pode ser anaüsado como sendo nominativo (Raposo & Uriagereka, 1996). O que liá de interessante é que ele pode estar ausente em (i) no PB. ao contrário do que acontece no PE.

nestes contextos. De qualquer forma, não é um clítico pronominal e, por isso, está fora do escopo desta dissertação.

Assim, os clíticos que compõem o paradigma do PB ficam limitados aos que aparecem no quadro (5). Os clíticos, *me*, *te*, *se*, *lhe(s)* e *nos* são ambíguos quanto à função e ao caso que são associados com eles. Eles podem desempenhar a função tanto de objeto direto (acusativo), ao lado dos clíticos *o*, *a*, *os*, *as*, como vemos em (6), quanto de objeto indireto (dativo), como vemos em (7):

- (6) a. Maria **me** visitou no último final de semana
- b. Ele **lhe** beijou na testa
- c. Meu pai **a** encontrou em fi-ente à padaria

- (7) a. O João **me** deu um presente
- b. A Maria **lhe** entregou o livro
- c. Ele **nos** mandou um cartão postal

No tocante aos clíticos que compõem o quadro do PB, vale dizer que há uma assimetria entre eles no que diz respeito à sua frequência e à sua colocação. De um lado estão os clíticos com rima [+e], *me*, *te*, *se*, *lhe(s)* e *nos*, e de outro os clíticos acusativos de terceira pessoa com rima [-e], sendo que esta última classe é composta de clíticos sem *otiset*, *o*, *a*, *os* e *as*, e com *onset*, *lo*, *la*, *los* e *las*.

Os clíticos apresentam algumas diferenças em termos de frequência. Os clíticos mais usados no PB são aqueles que compõem o primeiro grupo e os menos usados são os clíticos acusativos de terceira pessoa [-e]. Duarte (1986) constatou que, do total de seus dados, há apenas 5% de ocorrências do clítico acusativo de terceira pessoa, mesmo assim restrita a contextos sociais bem específicos. Corrêa (1991), que considerou relevante o nível de escolaridade dos falantes no uso de clíticos objetos diretos, afirma que a manutenção desse tipo de clítico na fala do PB se deve à ação normativa da escola.

Além disso, em relação ao último grupo de clíticos, nota-se ainda a preferência pelas formas com *onset*: *lo*, *la*, *los* e *las* em vez das formas sem, *o*, *a*, *os*, *as*. Luize (1997) apresenta dados estatísticos que comprovam essa afirmação: 13 ocorrências de clíticos

acusativos de terceira pessoa em 1.279 do falar de Florianópolis, das quais 12 aparecem em ênclise ao verbo infinitivo, e apenas 1 ocorrência em próclise ao verbo finito. Assim, o que favorece o uso dos clíticos *lo, la, los e las* é a presença de um verbo no infinitivo.

Outra particularidade que caracteriza o PB, distinguindo-o das outras línguas românicas, diz respeito à impossibilidade de ocorrer mais de um clítico por sentença. Vimos em (4) que o francês admite mais de um clítico na mesma sentença. Isso, entretanto, é impossível no PB, como mostram as sentenças agramaticais de (8);

- (8) a. *O livro, o João mo deu ontem
- b. *O livro, o João o me deu ontem
- c. *O livro, o João o vai me dar amanhã
- d. *O livro, o João vai me dá-lo amanhã

Note-se que o problema não está relacionado com a ordenação dos clíticos. Em uma mesma sentença não é permitido usar dois clíticos, mesmo que a ordenação seja distinta como vemos em (8a) e (8b). No primeiro exemplo temos o clítico dativo e o acusativo amalgamados, construção possível no PE. Já no segundo, a ordem é invertida: temos o clítico acusativo e o dativo. Esse mesmo contraste se verifica em (8c) e (8d), sendo que nestes exemplos os dois clíticos ocupam posições distintas. E mesmo assim as sentenças não são gramaticais no PB,

Paralelamente, as sentenças de (9) mostram que a agramaticalidade ilustrada em (8) não decorre da impossibilidade de pronominalização dos dois objetos, mas de se usar dois clíticos na mesma sentença. Observemos:

- (9) a. O livro, o João o deu para mim ontem
- b. O livro, o João me deu ele ontem
- c. O livro, o João o vai dar para mim amanhã
- d. O livro, o João vai me dar ele amanhã
- e. O livro, o João vai dá-lo para mim

Em (9a), (9c) e (9e) verifica-se a cliticização do objeto direto e a pronominalização do objeto indireto. Já em (9b) e (9d) o processo se inverte: há a cliticização do objeto indireto e a pronominalização do objeto direto. As sentenças são gramaticais se um dos objetos é cliticizado e o outro é pronominalizado.

Mas, não existem restrições no PB para a pronominalização de dois objetos, como vemos em (10):

- (10) a. O livro, o João deu **ele** para **mim**
b. **O** livro, o João vai dar **ele** para **mim**

Tanto o objeto direto quanto o objeto indireto são pronominalizados. Essa é uma das peculiaridades que se verifica no PB, pois nesta língua os clíticos concorrem com outras formas alternativas: o pronome tônico e o objeto nulo. É uma propriedade que abrange tanto os clíticos [+e] quanto os clíticos [-e].

Consideremos (11):

- (11) a. Ele **me** buscou na rodoviária ontem
b. ?Ele buscou **eu** na rodoviária ontem
c. A Maria **te** visitou ontem
d. A Maria visitou **você** ontem
e. **O** Paulo **nos** convidou para a festa
f. **O** Paulo convidou **nós (a gente)** para a festa

Nestes exemplos, os clíticos *me*, *te* e *nos* concorrem com outras formas na posição de objeto: o pronome tônico *eu* em (11b), o pronome *você* em (11d) e o pronome *nós* (a expressão nominal *a gente*) em (11f). Porém, vale dizer que o pronome *eu*, que concorre com o clítico *me*, não o substitui tão naturalmente quanto o pronome *você* substitui o *te* em (11d).

No tocante ao clítico [-e], verifica-se que além de ele concorrer com o pronome tônico, como podemos ver em (12b), também concorre com a categoria vazia, ilustrada em (12c):

- (12) a. Eu o entreguei para a Maria
b. Eu entreguei ele para a Maria
c. Eu entreguei <|) para a Maria

Esta última forma deu origem ao chamado fenômeno do objeto nulo (descrito por Galves (1989)), um parâmetro característico dessa língua²⁰.

Em suma, além da impossibilidade de ocorrência de dois clíticos em uma mesma sentença, verifica-se que no PB o clítico concorre com outras formas alternativas, esta talvez sendo a causa do empobrecimento do sistema de clíticos.

A seguir, apresentaremos algumas observações a respeito de clíticos e formas alternativas em contextos de Marcação de Caso Excepcional (ECM) (ver Chomsky (1981)) onde parece haver particularidades de interesse.

3.1.1. Contextos de atribuição excepcional de caso

No que diz respeito ao clítico de primeira pessoa do singular, sabemos que ele concorre em variação com o pronome tônico *eu* na posição de objeto, com restrições sobre este último, que vimos em (11a) e (11b). Sabemos também, desde o Capítulo I, que o clítico não pode ocorrer em estruturas coordenadas (13b) e em estruturas de foco (13d):

- (13) a. Ele encontrou eu e você
b. *Ele me encontrou e você
c. Ele viu eu, não você
d. *Ele me viu, não você

(13) mostra casos em que clítico e pronome são complementares. Em (11) (como em (13)) estamos lidando com contextos de atribuição canônica de Caso.

No entanto, não parece haver restrições para a ocorrência de *eu* e de *me* nas sentenças de (14):

²⁰ Veja também a este respeito Cyrino (1993).

- (14) a. Ele **me** viu chorar
b. Ele viu **eu** chorar

Nesse tipo de sentença, o pronome *eu* é naturalmente licenciado, sem necessidade de recursos como a coordenação ou o acento contrastivo. Este contexto ilustra a atribuição excepcional de Caso (ECM): um verbo ECM como *ver* pode atribuir acusativo ao argumento que não tem Caso disponível dentro da construção encaixada.

Porém, nota-se uma ambigüidade no que diz respeito ao Caso do pronome em (14b), mas não do clítico que é lexicalmente marcado por acusativo em (14a). O pronome pode estar recebendo acusativo do verbo *ver* ou nominativo do infinitivo pessoal. A mesma ambigüidade se verifica nas sentenças abaixo:

- (15) a. A garota viu **ele** chorar
b. Ela viu **o menino** chorar

Ele e *o menino* em (15) podem estar recebendo nominativo ou acusativo, exatamente como o *eu* em (14b).

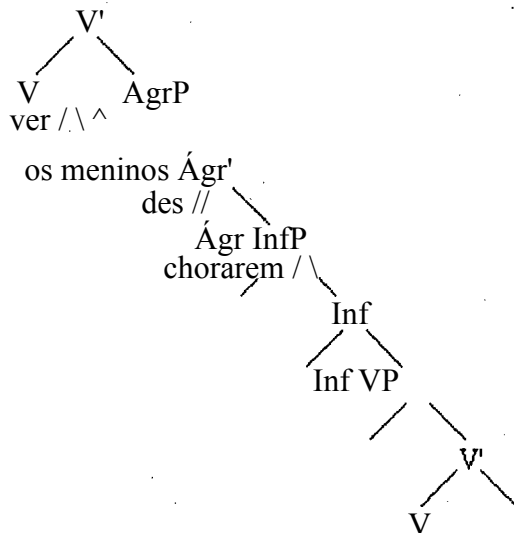
Há, ainda, outra situação em que não ocorre ambigüidade casual além daquela em que ocorre o clítico: aquela em que o infinitivo pessoal tem marca explícita de flexão. Vejamos (16):

- (16) a. A garota viu **eles** chorarem
b. Ela viu **os meninos** chorarem

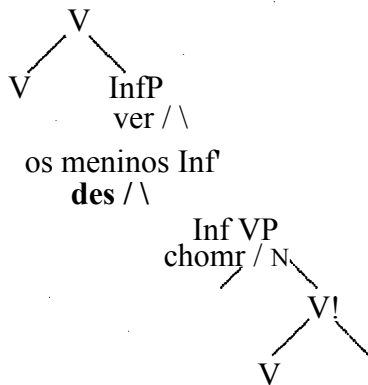
Nestes exemplos, a marca de flexão assegura que o Caso de *eles* e de *os meninos* é nominativo.

A ambigüidade de atribuição de Caso pode ser representada como (17) e (18), seguindo as anotações de aula de Carlos Miotto:

(17)



(18)



Um infinitivo pessoal com marca explícita de flexão se caracteriza pela presença da concordância (AgrP). Em (17) *os meninos* e *eles* ocupam o Spec da projeção de AgrP, recebendo assim o Caso nominativo do núcleo Agr representado pelo morfema *l{é)m/*.

Por outro lado, o infinitivo impessoal não tem AgrP e *os meninos* e *eles* ocupam a posição Spec de InfP, como está representado parcialmente em (18), com as sentenças equivalentes em (18'):

(18') a. A garota viu **eles** chorar

b. Ela viu **os meninos** chorar

Um núcleo como Inf, representado pelo morfema *l-rl*, não tem capacidade de atribuir nominativo a seu Spec. Como os DPs precisam ser marcados por Caso, o verbo *ver* cumpre esta função, funcionando como último recurso para marcar casualmente os NPs.

Entretanto, este recurso não é operante em (17) pois o problema do Caso se resolve em termos de minimalidade dentro da projeção máxima de AgrP: se há um atribuidor local de Caso, como Agr, só este atribuidor pode operar. Isto explica a agramaticalidade de sentenças como as de (19);

- (19) a. *Ela nos viu chorarmos
b. *Ela os viu chorarem

O clítico *nos* evidencia que nesse tipo de construção há a marcação excepcional de Caso. Não é possível a atribuição de Caso nominativo, pois o verbo infinitivo pessoal com a sua marca de flexão não pode ocorrer com esse tipo de clítico, conforme a agramaticalidade ilustrada em (19a) e (19b)²¹

O que este fenômeno traz de interessante para o sistema dos clíticos é que o pronome *eu* não enfrenta restrições em funcionar, nos contextos de ECM, como objeto (acusativo) em lugar do clítico *me*. As restrições que parecem contar nos contextos de marcação normal de Caso, apontadas em (11b), não são relevantes nos casos de ECM, como marcado em (14b). A razão para tanto parece estar associada à dupla possibilidade de atribuição de Caso que se nota nestes contextos.

3.1.2. Clítico *vera*/5 pronome *fi*-aco

Na primeira seção do primeiro capítulo, distinguimos DPs lexicais e pronomes dos clíticos. Estes pronomes se caracterizam por apresentar propriedades distribucionais

²¹ Verifica-se uma inconsistência no que diz respeito à prescrição da GT quando o verbo é ECM; ela recomenda apenas o clítico *e*, portanto, ECM quando o argumento externo do verbo encaixado é pronominal; e marcação normal, com infinitivo pessoal, quando o argumento externo do verbo encaixado é um nominal.

Outra inconsistência da GT diz respeito à preposição que pode ser também mn ECM; a GT recomenda o pronome nominativo, como em (ia), desqualificando a ECM, como em (ib);

- (i) a. Ele fez graça para eu rir
b. Ele fez graça para mim rir

parecidas com as dos nomes. Agora vamos averiguar se esta tipologia, que coloca de um lado DPs e pronomes e de outro os clíticos, é suficiente para o PB; ou se é necessária ainda uma categoria intermediária entre os clíticos e os pronomes; a categoria dos pronomes fracos (Cardinaletti & Starke, 1994). Se a averiguação apontar para a existência de pronomes fracos no PB, então vai ser preciso distingui-los dos clíticos.

Dentre os pronomes que compõem o paradigma do PB, temos os equivalentes *você*, que concorre com o uso dos clítico *te* e *lhe(s)*, a variante *cê* e sua flexão de plural. O que importa saber é se as duas formas desse pronome têm comportamento sintático diferente e, em caso afirmativo, se *cê* tem comportamento de clítico ou de pronome fraco.

Consideremos (20):

- (20) a. O João beijou carinhosamente você/ *cê
- b. O João beijou você/ *cê carinhosamente
- c. Você/ Cê beijou carinhosamente Joana

Como no caso dos clíticos, a variante *cê*, que corresponde ao argumento interno do verbo *beijar*, não pode ocorrer na posição A de complemento, como mostram os exemplos (20a) e (20b). Mas, diferente dos clíticos, ela pode ocorrer no Spec de IP, uma posição argumental, como mostra (20c).

Como vimos na seção acima, o clítico e o pronome forte podem ser licenciados em contextos de ECM. O mesmo pode ser dito para a variante *cê*, conforme o exemplo abaixo:

- (21) O João viu você/cê chorar

Como *você*, *cê* é naturalmente licenciado nesse tipo de construção. E em relação ao Caso de *cê*, a mesma ambigüidade que notamos em (14b), nota-se também em (21): *cê* pode estar recebendo Caso acusativo do verbo *ver* ou nominativo do infinitivo pessoal. Mas, se levarmos em conta o clítico *nos*, como vimos em (19), o problema da ambigüidade se resolve: em uma construção como (21), há portanto a marcação excepcional de Caso; ou seja, o verbo *ver* atribui o Caso acusativo para a variante *cê*.

Apesar da semelhança notada em contextos de ECM, uma propriedade que distingue o *cê* de *você* e o aproxima dos clíticos é o fato de *cê* e os clíticos não ocorrerem em posição que, como assumimos antes, é de adjunção. Veja o contraste em (22):

- (22) a. **Ele**, o João beijou carinhosamente
b. * **Cê**, o João beijou carinhosamente
c. **Você**, o João beijou carinhosamente

Em interpretação de foco contrastivo, as sentenças com os pronomes *ele* e *você* são aceitáveis enquanto (22b) é inaceitável com *cê*.

Também como os clíticos, a variante *cê* não ocorre como um item isolado, como podemos ver a agramaticalidade de (23c). Já o *você* em (23b) se comporta como o pronome forte, da mesma forma que *ele* em (22a):

- (23) a. Quem é inteligente? **Ele**
b. Quem é inteligente? **Você**
c. Quem é inteligente? ***Cê**

Quando a variante *cê* ocorre no Spec de EP, ela, como os pronomes, pode ser coordenada, distanciando assim dos clíticos. No entanto, não pode ser coordenada quando ocorre em uma outra posição. É o que podemos ver em (24):

- (24) a. **Cê** e **sua irmã** vão ao baile sábado á noite?
b. ***Sua irmã** e **cê** vão ao baile Sábado à noite?
c. **Ele** e **sua irmã** vão ao baile sábado á noite?

Conforme os dados apresentados acima, vimos que em alguns casos a variante *cê* tem um comportamento sintático e fonológico semelhante ao de um clítico. Todavia, essa semelhança não permite classificá-la como um clítico, já que a posição em que o clítico realmente ocorre não é uma posição apropriada para *ocê*. É o que ilustra (25):

- (25)
- a. Ele me beijou carinhosamente
 - b. *Ele cê beijou carinhosamente
 - c. Ele beijou-me carinhosamente
 - d. *Ele beijou-cê carinhosamente

Apesar de o *cê* ter algumas particularidades em comum com os clíticos, como vimos a partir de (20) (22) e (23), os exemplos em (25) evidenciam comportamentos bastante distintos. A variante *cê*, ao contrário de um clítico, não necessita de uma base verbal para se apoiar. Mas apesar dessa diferença e do comportamento ilustrado em (20c) e (24a), que mostra que o *cê* se distancia de um clítico, vale ressaltar que tal variante se assemelha mais a um clítico do que a um pronome forte. Essa é uma razão para se supor que a forma *cê* seja um tipo de pronome fraco.

O pronome fraco é tido na literatura como um elemento que tem características tanto de um núcleo quanto de uma projeção máxima. O que o caracteriza como um núcleo é o fato de às vezes ele se comportar como um clítico: eles não podem ocorrer em posições canônicas de complemento; não podem ocorrer em posição de adjunto; não podem ocorrer como itens isolados. Já o que caracteriza o pronome fraco como uma projeção máxima é o fato de às vezes ele se comportar como um pronome forte: ele se realiza no Spec de IP; pode ser coordenado; e jamais se amalgama a um verbo. Isso explica a impossibilidade de a forma *cê* ocorrer em determinadas posições.

Apesar de não termos um paradigma homogêneo de pronomes fracos no PB, convém dizer que a tipologia pronome forte e clítico também não é suficiente para uma língua como o PB. Seria preciso, assim, acrescentar a categoria dos pronomes fracos, como propuseram Cardinaletti e Starke (1994) para outras línguas.

Resumindo as principais características e diferenças dos elementos em questão, vejamos o seguinte quadro:

Propriedades	Pronome forte	Pronome fraco	Clítico
XP (projeção máxima)	+	+	-
X° (características de núcleo)	-	+	+
Ocorre em posição A de compl.	+	-	-
Ocorre em posição A de sujeito	+	+	-
Ocorre em posição de adjunção	+	-	-
Ocorre como um item isolado	+	-	-
Pode ser coordenado	+	+	-
Pode ser acentuado	+	-	-

O quadro acima revela que o clítico se opõe complementarmente ao pronome forte. Já o pronome fraco tem propriedades de clítico e de pronome forte. Ele é um elemento de natureza mista com o estatuto de projeção máxima, que o faz comportar-se como pronome, mas com propriedades de um clítico.

3.1.3. Resumo;

Nesta seção vimos que o sistema pronominal do PB comporta claramente elementos de dois conjuntos; clíticos e não-clíticos. O PB apresenta um sistema defectivo de clíticos, ao contrário de uma língua como o francês. No PB existem formas alternativas, que devem estar causando um empobrecimento do sistema de clíticos. Além disso, vimos que a tipologia que separa o universo dos pronomes em pronome forte e clítico também não é suficiente para uma língua como o PB, pois nesta também se verifica a existência de pronome fraco.

3.2. A colocação dos clíticos

No PB, como nas outras línguas românicas, o clítico gravita em torno de um verbo, colocando-se antes ou depois dele. Porém, também no que diz respeito à colocação dos clíticos o PB se comporta de um modo diferente em vários aspectos.

Se tomamos para efeitos de comparação o PE, em que o posicionamento do clítico é determinado a partir de constituintes que ocorrem à esquerda do verbo, vemos que o PB não leva em conta esse tipo de restrição; a próclise é generalizada, com ou sem palavra atratora. Neste aspecto, o PB se aproxima muito mais do italiano que do PE, apesar de ser esta última (ou uma modalidade dela, como o português clássico) a que pode ser considerada a língua-mãe.

Além disso, o PB se distancia das outras línguas românicas por apresentar várias peculiaridades: o clítico se incorpora ao verbo lexical não-finito e não ao finito em estruturas com dois ou mais verbos adjacentes; não há restrições quanto ao fato de o clítico aparecer em primeira posição na oração; não exhibe com facilidade o fenômeno *clitic climbing-*, e o clítico acusativo de terceira pessoa, com rima [-e], não se distribui como os demais clíticos.

Essas generalizações é que vão aparecer na próxima seção onde vai ser apresentada uma descrição para o PB. Sempre que possível, esta descrição vai conter comparação com outras línguas românicas e o intuito disto é acentuar os pontos divergentes de comportamento.

3.2.1. A posição do clítico com um só verbo

O comportamento dos clíticos é idêntico nas sentenças raízes e subordinadas. Assim, a descrição não precisa separar os dois contextos, ao contrário do que aconteceria no PE onde as assimetrias sentença matriz/subordinada recomendam tratamento em separado. Para o PB, a separação que parece necessária é a que coloca de um lado as sentenças com um único verbo e do outro aquelas com dois ou mais verbos adjacentes.

3.2.1.1. Com um só verbo finito

Em sentenças com um só verbo finito, o clítico aparece invariavelmente antes deste verbo, como nos mostra (26):

- (26) a. Ele me visitou no hospital
- b. *Ele visitou-me no hospital
- c. Ele o visitou no hospital
- d. *Ele visitou-o no hospital

Em (26) transparece que tanto o clítico *o* quanto o *me* dificilmente se encontram após o verbo, não havendo necessidade de descrever os dois tipos de clítico em separado. Neste particular, o PB se aproxima do italiano. Entretanto, se distancia do PE em que a situação em (26) é complementar: os asteriscos devem marcar como agramaticais as sentenças não asteriscadas de (26) e ser retirados de (26b) e (26d).

Se juntamos a (26) uma palavra chamada “atratora”, teríamos a próclise no PE reproduzindo a situação do PB sem palavra atratora, o que vemos em (27);

- (27) a. Ele nunca me visitou no hospital
- b. *Ele nunca visitou-me no hospital
- c. Ele nunca o visitou no hospital
- d. *Ele nunca visitou-o no hospital

Neste conjunto de exemplos, temos próclise como no PB (e no italiano), mas esta é a única opção no PE por causa da presença de *nunca* antes do verbo.

O posicionamento do clítico em sentenças subordinadas é semelhante no PE e no PB: ocorre a próclise, como ilustram os exemplos abaixo:

- (28) a. Prefiro que me deixem sozinha
- b. *Prefiro que deixem-me sozinha
- c. ...porque (só) se andava a cavalo naquela época
- d. *...porque (só) andava-se a cavalo naquela época

No PE, a ênclise não é permitida nesse tipo de contexto, pois a posição de C° é ocupada por material lexical, *que* e *porque*, atraindo, assim, o clítico para a posição pré-verbal (cf. Rouveret (1989)).

O quadro de próclise no PB também não é alterado pelo modo do verbo. A próclise acontece com indicativo (29), e subjuntivo (30):

- (29) a. Ela disse que ele me viu na estrada
b. *Ela disse que ele viu-me na estrada
c. Ele disse que a Maria sempre o encontra no colégio
d. *Ele disse que a Maria sempre encontra-o no colégio
- (30) a. Não quero que ele me veja com essa fantasia
b. *Não quero que ele veja-me com essa fantasia
c. Ficaria feliz se ela o perdoasse
d. *Ficaria feliz se ela perdoasse-o

E é nesta posição que o clítico também aparece nas orações imperativas negativas, como podemos ver em (31);

- (31) a. Não a perturbe mais
b. *Não perturbe-a mais
c. Não se mexa
d. *Não mexa-se

Esse tipo de sentença põe juntos o PB, o PE e o francês, separando-os do italiano em que o clítico pode estar tanto antes como depois do verbo. Mas, observe que invariavelmente ocorre uma palavra atratora, como o *não*.

Já nas imperativas afirmativas verifica-se uma diferença. O clítico [-e], ao contrário dos clíticos [+e], não pode ocorrer na posição pré-verbal. Vejamos o contraste:

- (32) a. Me deixe sozinha com ele
b. Deixe-me sozinha com ele
c. *0 pegue
d. Pegue-o

- e. ***O** detenham
- f. Detenham-no

Enquanto nas outras línguas românicas a ênclise é generalizada nesse tipo de sentença, no PB observa-se um comportamento distinto dos clíticos [+e], *me*, e do clítico [-e], *no* e *o*, em (32). Este último contraria a regra geral do PB em sentenças com um só verbo não podendo aparecer na posição pré-verbal. Todavia, apesar de a ênclise ser a única possibilidade, as sentenças (32d) e (32f) são altamente marginais no PB.

Dados os exemplos com um só verbo finito, pode se dizer que a próclise é o caso geral no PB, apesar da restrição que vimos nas sentenças imperativas afirmativas. Essa generalização não se aplica às outras línguas românicas consideradas, pois estas apresentam pelo menos um contexto em que a ênclise ocorre. Não existe um único motivo, nem a Lei Tobler-Mussafia, nem a ausência de palavras atratoras, que force/favoreça a ênclise no PB em sentenças com um só verbo finito^{17^}

3.2.1.2. Com um só verbo não-finito

Em sentenças com um só verbo não-finito nota-se que a próclise não é generalizada, como acontece nas sentenças com um só verbo finito. O universo das sentenças com um só verbo não-finito deve excluir as sentenças com participípio, pois este, como discutiremos adiante, só pode ser passivo e como tal não tolera clítico.

Observe (33):

- (33) a. Ele fez isso só para me magoar
b. ??Ele fez isso só para magoar-me

^{17^}No que diz respeito à ordem do clítico, vale colocar que ele também pode se realizar no meio de um verbo, como mesoclítico, com formas do futuro do presente ou do futiu-o do pretérito, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (i) a. Calar-me-ei
b. Calar-me-ia
c. Comprá-lo-ei
d. Comprá-lo-ia

Em relação à essa colocação, não tenho o que dizer além de ela ser altamente arcaizante.

- c. ??Para não o assustar, os soldados se retiraram
- d. Para não assustá-lo, os soldados se retiraram

O que estes exemplos nos revelam é que com um verbo infinitivo o clítico [-e] comporta-se diferentemente do clítico [+e]. Enquanto estes ocorrem preferencialmente na posição pré-verbal, como em (33a), aqueles ocorrem apenas na posição pós-verbal, como vemos em (33d), apesar da ocorrência do *não*, que poderia ser considerado uma palavra atratora.

Esse mesmo comportamento se observa nas sentenças com um só verbo no gerúndio, como em (34) e (35):

- (34) a. Ela viu a menina me beijando
- b. ??Ela viu a menina beijando-me
- c. ?? Ela viu a menina o beijando
- d. Ela viu a menina beijando-o

- (35) a. Te ajudando, estarei realizando uma boa ação
- b. ??Ajudando-te, estarei realizando uma boa ação
- c. **??O** ajudando, estarei realizando uma boa ação
- d. Ajudando-o, estarei realizando uma boa ação

Observe que independente de o gerúndio iniciar uma sentença (35) ou vir mais embaixo (34), a colocação dos clíticos é paralela aos exemplos com infinitivo (33).

Em suma, o que é importante notar é que os clíticos não se distribuem de forma homogênea com um só verbo não-finito. A generalização a ser feita é que o verbo não-finito requer a ênclise quando temos o clítico [-e], e a próclise quando temos o clítico [+e].

3.2.2. Com dois ou mais verbos adjacentes

Um fenômeno que individualiza o PB dentre as outras línguas românicas é o posicionamento de clíticos quando existem na sentença dois ou mais verbos adjacentes. Neste particular, um dos pontos que mais chamam a atenção é a sistematicidade da próclise

ao último verbo do conjunto, um fenômeno não verificado nas outras línguas. Esta posição é específica dos clíticos [+e], *me*, *te*, *se*, *Ihe(s)* e *nos*. Como veremos, o clítico [-e] jamais pode ocorrer nesta posição.

3.2.2.1. Os clíticos com rima [+e]

Consideremos (36):

- (36) a. Ela quer me encontrar no próximo final de semana
b. ?Ela quer encontrar-me no próximo final de semana
c. ??Ela me quer encontrar no próximo final de semana
d. * Ela quer-me encontrar no próximo final de semana

Observamos que apenas (36a) apresenta o clítico numa posição plenamente aceitável, ou seja, em próclise ao verbo *encontrar*. A sentença (36b), em que há ênclise ao infinitivo, apresenta leves problemas de aceitabilidade. Estes problemas se agravam em (36c) onde temos o fenômeno cZ/Y/c *climbin*²³. E, por último, (36d) é agramatical com *clitic climbing* e ênclise ao verbo finito.

A propósito de (36a) é possível construir provas, para além das convenções gráficas, de que o clítico realmente se encontra à esquerda do verbo mais baixo da oração e não à direita do verbo *querer*. Uma delas pode ser construída a partir de (37):

- (37) a. Ela quer sempre me encontrar no próximo final de semana
b. *Ela quer-me sempre encontrar no próximo final de semana

A presença do advérbio *sempre* em (37a) assegura que, de fato, o *me* está junto do verbo infinitivo e não do verbo mais alto. Por sua vez, a agramaticalidade de (37b) mostra que

²³ Que o problema está relacionado ao fenômeno *clitic climbing* e não ao fato de a construção ter um verbo no infinitivo pode ser visto em (i):

- (i) *Ela pode querer-me encontrar

Esta sentença é agramatical com *clitic climbing* e ênclise ao verbo infinitivo.

não há ênclise ao verbo finito em (36a): *sempre* serve para separar o clítico do infinitivo. A situação em (37) é invertida se consideramos o PE, pois o asterisco de (37b) deve passar para (37a).

As duas outras provas de que se trata de próclise ao infinitivo e não de ênclise ao verbo finito me foram sugeridas por Carlos Mioto (conversa pessoal). A primeira pode ser vista a partir de (38);

(38) Ela quer me encontrar e me contar toda a história

A coordenação mostra que o clítico está incorporado ao infinitivo. Se de fato o clítico ocorresse com o verbo finito, uma sentença como (38) deveria ser considerada agramatical. A previsão para o PE (e para as outras línguas românicas, descontando uma possível ênclise a *quer* em (38)), em vista da impossibilidade de próclise ao infinitivo²⁴, é que (38) deve ser agramatical, em seu lugar aparecendo uma sentença como (39a):

- (39) a. Ela vai-me encontrar e contar toda a história
b. *Ela vai-me encontrar e me contar toda a história

Note-se que (39b) é agramatical com o clítico na sentença coordenada.

A segunda prova de que o clítico ocorre antes do verbo infinitivo pode ser construída a partir do fato de que em muitos registros é possível apagar o /-r/ final em infinitivos, quando ocorre a próclise, mas nunca é possível com a ênclise, conforme mostra (40b) em contraste com (40a):

²⁴ Vale observar que no francês é permitido a próclise com o verbo infinitivo em uma sentença como (ia), mas não é possível em uma sentença como em (ib):

- (i) a. Jean veut la/me rencontrer
 João quer a encontrar
 b. *Jean vais la/me rencontrer
 João vai a encontrar

Para esta língua a distinção au.\iliar *versus* não-au.\iliar é relevante.

- (40) a. Maria quer me encontrá
b. *Maria quer encontrá-me
c. ?Maria quer encontrar-me

Agora, acrescentando um outro infinitivo, em (41) observamos que a queda do /-r/ de *querer* é possível em (41b):

- (41) a. Maria pode querer me encontrar
b. Maria pode querê me encontrar

Se isto é possível, somos levados à conclusão que *ome* é proclítico ao último infinitivo mas não enclítico ao primeiro.

A prova pode ser estendida à forma finita *quer* que, como os infinitivos, termina com /-r/. Observe (42):

- (42) a. Maria quer me encontrar
b. Maria qué me encontrar

Se o /-r/ de *quer* pode ser apagado em (42b), novamente somos levados à conclusão que o *me* está proclítico a *encontrar*, mas não enclítico a *quer*. Se estivesse enclítico ao primeiro verbo só a forma *quer* poderia ocorrer.

A respeito de *clitic climbing*, ilustrado em (36c), podemos afirmar que no PB não é um fenômeno natural. A explicação para esta falta de naturalidade não deve ser buscada no fato de estruturas como (36c), aqui repetida como (36'c), serem de controle.

- (36') c. ??Ela me quer PRO encontrar

Parece que não se pode associar a dificuldade de o clítico pular para o verbo matriz à existência de um PRO ou um CP vazio na encaixada.

Essa explicação não se sustentaria porque mesmo em estruturas com vestígio, para as quais se postula um apagamento do CP vazio, não é natural a subida do clítico, como podemos ver em (43);

- (43) a. ??Ela **me** parece t odiar
b. ??Ela **me** vai t encontrar

Note-se que não há diferenças sensíveis se temos um verbo lexical *parecer* em (43a) ou o verbo auxiliar /> em (43b).

Assim, tanto em estruturas de PRO quanto em estruturas de vestígio, não é permitido o “pulo” do clítico. Em ambos os casos, o clítico tem que permanecer junto do verbo infinitivo mais baixo.

Entretanto, verifica-se que em alguns casos o clítico “pula” para uma posição mais alta. Isso é registrado em contextos específicos de ECM, em que o clítico se separa do verbo que lhe atribui papel temático, como podemos ver nos exemplos que se seguem;

- (44) a. Ela me mandou plantar batatas
b. Ela me viu plantar batatas

Em (44) o clítico *me* recebe o papel temático de *plantar*, o último verbo do conjunto; e no entanto ele encontra-se ao lado do verbo matriz. Este caso não cria problemas se consideramos que o clítico está junto ao verbo que lhe atribui Caso, mesmo que a atribuição seja excepcional.

Observe que uma generalização descritiva que afirme que o clítico fica junto com o verbo que lhe atribui papel temático^{^^} falha por não abranger casos como (44) e, em especial, casos como (45);

[^] Outro ponto que contraria a generalização de que o clítico fica junto ao verbo que lhe atribui papel temático vem dos clíticos que não têm propriamente uma função temática, como o chamado dativo de interesse em (i);

(i) a. Você não vai me sujar o carro, né?

b. ??Você não me vai sujar o carro, né?

A falta de naturalidade de (ib) mostra que não é o atribuidor de papel temático que está em jogo, mas propriedades da construção que contém dois verbos.

- (45) a. Ela vai me mandar plantar batatas
b. ??Ela me vai mandar plantar batatas

Nas duas sentenças de (45) o clítico está antes dos verbos *vai* (45b) e *mandar* (45a) e nenhum deles lhe atribui papel temático. Mas, ocorre naturalmente a próclise ao infinitivo e não ao verbo finito, repetindo o padrão descrito nesta seção.

Até aqui descrevemos o posicionamento dos clíticos [+e], com dois ou mais verbos adjacentes em que o último verbo está no infinitivo. Agora vamos passar para os casos em que o último verbo está no gerúndio ou no participio passado.

Notamos que nestas construções o comportamento do clítico é semelhante ao daquelas com infinitivo: ele se posiciona antes do verbo mais baixo. Consideremos os exemplos com gerúndio em (46):

- (46) a. Ele está me enrolando faz vários dias
b. ?? Ele está enrolando-me faz vários dias
c. ??Ele me está enrolando faz vários dias
d. *Ele está-me enrolando faz vários dias

E os exemplos com participio em (47):

- (47) a. Ela já tinha me procurado outras vezes
b. ??Ela já tinha procurado-me outras vezes
c. ??Ela já me tinha procurado outras vezes
d. *Ela já tinha-me procurado outras vezes

Em (46) e (47), as sentenças plenamente aceitáveis são aquelas que têm o clítico antes do verbo mais baixo: em (46a) com o gerúndio e em (47a) com o participio. É a mesma colocação que vimos em (36a) repetida aqui: a próclise ao último verbo do conjunto:

- (36) a. Ela quer me encontrar no próximo final de semana

Em (46b) e (47b) os problemas de aceitabilidade são graves: o clítico está depois do verbo no gerúndio e no particípio. Note-se que o desvio é maior do que aquele que vimos em (36b), repetido aqui:

(36) b. ?Ela quer encontrar-me no próximo final de semana

Poderíamos especular buscando uma razão para essa diferença no fato de que a ênclise com o gerúndio e o particípio formam um vocábulo fonológico proparoxítono, contrário à índole da fonologia do PB. O mesmo não se pode dizer para a ênclise ao verbo infinitivo: estes formam um vocábulo paroxítono.

Como em (36c), retomado aqui, o problema também se agrava em (46c) e (47c), em que o clítico ocorre antes do verbo finito:

(36) c. ??Ela me quer encontrar no próximo final de semana

E por último, as sentenças (46d) e (47d) são completamente agramaticais, com ênclise ao verbo finito. É a mesma situação que vemos em (36d):

(36) d. *Ela quer-me encontrar no próximo final de semana

Assim, com exceção dos contextos de ECM, em (44) e (45), vimos que em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, a posição natural dos clíticos [+e] é sempre antes do último verbo do conjunto, seja este verbo infinitivo, gerúndio ou particípio (exceto o passivo, como veremos). E mesmo acrescentando um outro verbo infinitivo em (46a) e (47a), a posição do clítico não é alterada, como ilustram os exemplos (48) e (49):

- (48) a. Ele pode estar me enrolando já faz tempo
b. *Ele pode estar-me enrolando já faz tempo
c. ??Ele pode me estar enrolando já faz tempo

- (49) a. Ele já devia ter me procurado
b. *Ele já devia ter-me procurado

C. ??Ele já devia **me** ter procurado

Apesar de o verbo infinitivo licenciar a ênclise, como vimos em (36b), em sentenças como (48) e (49), em que o último verbo do conjunto está no gerúndio e no participio, a ênclise não pode ocorrer com o verbo na forma infinitiva, conforme a agramaticalidade de (48b) e (49b). E em relação a esse mesmo verbo, a próclise também enfrenta restrições muito grandes, como mostram (48c) e (49c). Assim, fica estabelecido que a posição do clítico é mesmo antes do último verbo do conjunto, na melhor das situações.

Essa generalização da posição do clítico com dois ou mais verbos também se aplica às sentenças subordinadas, indicativas e subjuntivas. Vejamos primeiro as subordinadas indicativas:

- (50)
- a. O Paulo disse que ela vai querer **me** visitar
 - b. ??O Paulo disse que ela vai **me** querer visitar
 - c. ...é um país que está **se** desenvolvendo cada vez mais
 - d. *...é um país que está-se desenvolvendo cada vez mais
 - e. Ela falou que o Mário devia ter **me** encontrado
 - f. ??Ela falou que o Mário devia **me** ter encontrado

O clítico deve vir á esquerda do último verbo, que pode estar no infinitivo (50a), no gerúndio (50c) e no participio (50e).

Esse comportamento também se verifica nas subordinadas subjuntivas:

- (51)
- a. Não quero que ele vá **me** ver no teatro
 - b. *?Não quero que ele me vá ver no teatro
 - c. Espero que ele esteja **me** observando
 - d. ??Espero que ele **me** esteja observando
 - e. Ficaria feliz se ela tivesse **me** visto
 - f. ??Ficaria feliz se ela **me** tivesse visto

Ou seja, nem mesmo o modo do verbo é capaz de alterar a posição preferencial do clítico em sentenças que apresentam dois ou mais verbos adjacentes. Tanto em indicativas quanto em subjuntivas a próclise ocorre com o verbo não-finito mais baixo.

Em resumo, a sistematicidade da colocação do clítico em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes constitui-se num fato bastante interessante, pois o mesmo não se verifica em línguas como o italiano, o francês e o PE. Conforme a segunda seção do capítulo I, vimos que no italiano e no francês a próclise ocorre com o verbo finito²⁶. Já no PE vimos que a ênclise pode ocorrer com o verbo principal, infinitivo ou gerúndio, e com o verbo mais alto.

3.2.2.2. O clítico com rima [-e]

Conforme o contraste (26c) e (26d), repetido aqui, em sentenças com um só verbo finito, o *o* aparece antes do verbo finito, como os demais clíticos:

- (26) c. Ele *o* visitou no hospital
d. *Ele visitou-*o* no hospital

No entanto, em sentenças com um só verbo não-finito, vimos que esse tipo de clítico se posiciona preferencialmente na posição pós-verbal. É um comportamento distinto dos clíticos [+e]. Essa particularidade também se observa em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes. Observemos (52):

- (52) a. *Ela vai *o* encontrar naquele bar
b. *Ela está *o* encontrando naquele bar
c. *Ela tinha *o* encontrado naquele bar

²⁶ Ver nota (26).

Ao contrário dos outros clíticos, *o* não pode aparecer antes do verbo não-finito²⁷. O mesmo se verifica em (53), com mais de um infinitivo:

- (53) a. *Ela vai querer o encontrar
b. *Ela vai querê-lo encontrar
c. *Ela vai o querer encontrar

Em (53a) se observa que o clítico não pode ocorrer antes do verbo mais baixo. (53b) revela que também não podemos ter ênclise ao penúltimo verbo, mesmo estando este verbo no infinitivo. (53c) mostra que a próclise ao penúltimo verbo também não é possível. Assim, a generalização a fazer é que o clítico *oHo* não pode ocorrer em nenhuma das posições intermediárias de um conjunto de verbos adjacentes.

Esse tipo de clítico pode ocorrer depois do último verbo infinitivo do conjunto, como evidenciam os contrastes abaixo:

- (54) a. A Maria quer encontrá-lo
b. A Maria não vai encontrá-lo
c. A Maria vai querer encontrá-lo

- (55) a. *Ela vai querê-lo encontrar
b. *Ela vai podê-lo encontrar
c. *Ela deve tê-lo visto

Como vemos em (55), *lo* não pode aparecer junto do verbo infinitivo mais alto. Ele somente ocorre ao lado do infinitivo mais baixo, mesmo se na sentença houver uma palavra atratora, como o *não* em (54b). E ao ocorrer a cliticização se observa uma alteração do verbo infinitivo: este perde o /-r/ final, quando o enclítico é o *o*, mas não quando é um dos outros clíticos, como vimos em (40c).

²⁷ De acordo com Nunes (1990), há uma incompatibilidade fonológica de tal clítico com essa posição. Essa incompatibilidade decorre de uma mudança na direção de cliticização fonológica, que impossibilitou o licenciamento da sílaba dos clíticos acusativos de terceira pessoa.

Portanto, com o seu *onset* superficializado, o clítico acusativo de terceira pessoa [-e] somente pode ocorrer depois do infinitivo mais baixo. Se esse clítico não se realizar dessa forma, ele ocorrerá antes do verbo finito, como mostram os exemplos em (56):

- (56) a. ?Ela **o** quer encontrar no próximo final de semana
b. ?Ela **o** vai encontrar no próximo final de semana
c. ?Ela **o** vai querer encontrar no próximo final de semana

Como já apontamos, no PB esse tipo de clítico cede lugar para outras formas de expressar o objeto pronominal e, em comparação com a ênclise dos exemplos de (54), esta colocação tem uso é marginal. Entretanto, mesmo considerando o desuso, é possível prever seu posicionamento se for usado; antes do verbo finito ou depois do infinitivo (com a transformação apontada).

Além do comportamento ilustrado nos exemplos acima, vale dizer ainda que o clítico [-e], ao contrário dos demais clíticos, não se realiza em primeira posição. Essa propriedade é mostrada em (57);

- (57) a. Me chame no final de semana
b. Te chamo no final de semana
c.* O/A chamo no final de semana
d. *Lo/la chamo no final de semana

Enquanto, por um lado, os clíticos [+e], *me* e *te* podem ocorrer naturalmente na posição inicial da frase, como vemos em (57a) e (57b), por outro, jamais o clítico [-e], com ou sem *onset*, pode ocupar essa posição, como ilustra a agramaticalidade de (57c) e (57d). O clítico sem *onset* somente poderá ocorrer se antes dele houver um material fonológico, de qualquer natureza, como podemos ver nos exemplos que se seguem;

- (58) a. Eu **o** chamo no final de semana
b. No final de semana **o** chamo cedo.

A propósito do clítico em início de sentenças, como mostram (57a) e (57b), vale ressaltar que esse tipo de colocação é característico do PB. Ao contrário de uma língua como o PE, que proíbe a realização de um clítico em posição inicial absoluta, o PB não obedece a **Lei de Tobler-Mussafia**.

Em resumo, vimos que a colocação do clítico acusativo de terceira pessoa, *o*, *a*, não se pauta pela dos demais clíticos. Estes parecem se comportar de modo diferente dos outros clíticos²⁸. Na verdade, parece que são atribuídos estatutos diferentes aos clíticos do PB. De um lado estão os clíticos [-e], e de outro os clíticos [+e]²⁹. O que corrobora essa hipótese é o fato de os clíticos ocuparem posições diferentes no PB. É um comportamento diferente de uma língua como o PE, em que a próclise e a ênclise são determinadas por restrições válidas para qualquer tipo de clítico.

3.2.2.3. O participio passivo e os clíticos

No que diz respeito às sentenças com participio passivo, sabe-se que esse tipo de item não tolera clítico algum ao seu lado. A cliticização somente acontece em uma posição mais alta, junto do verbo auxiliar. É o que ilustra o contraste abaixo;

- (59) a. *Estes livros foram **me** doados para eu repassar para a escola
b. Estes livros **me** foram doados para eu repassar para a escola

Consideremos em primeiro lugar a natureza de uma sentença com participio passivo. Esse tipo de construção é analisada como inacusativa, pois *ser* faz parte da classe daqueles verbos que não selecionam argumento externo. Seu argumento interno é, digamos, um AgrP que seleciona [vp doado estes livros]. No argumento interno de *ser* não há

²⁸ Evidências empíricas revelam que o clítico acusativo de terceira pessoa não faz parte da gramática inicial dos falantes. Para Corrêa (1991), esse clítico é “aprendido” na escola, pois de acordo com os seus dados, tal clítico somente ocorre na fala das crianças a partir da 5ª série do primeiro grau; isto é, em crianças com mais de 10 anos. O que vale para nós é que, quando usado, ele se comporta de imia forma determinada.

²⁹ No que diz respeito a esses dois grupos de clíticos, as pesquisas diacrônicas apontam que o clítico de rima [-e], foi o primeiro a sair do sistema. Segundo Pagotto (1992), esse tipo de clítico é o que mais traços de concordância apresenta. E devido ao enfraquecimento da concordância no PB, eles perderam a possibilidade de movimento e, também, desapareceram do sistema. Já quanto aos clíticos de rima [+e], em especial *me*, *te* e *se*, esse mesmo autor coloca que eles são neutros em relação à concordância, e por isso ainda sobrevivem na gramática dos falantes do PB.

atribuidor de Caso disponível para o DP *estes livros*[^] que deve se mover para uma posição onde recebe o Caso. Esta posição para onde o argumento interno se move tem de ser não-temática, de modo que o critério temático não seja violado; é a posição de sujeito, o Spec de EP. Vejamos as representações que se seguem;

- (60) a. *[VT ser [AgrP [VT doado [DP estes livros...]]]]
b. [IP Estes livros_i [r me foram_k [vp tk [AgrP ti Agr- doados [DP ti •■■]]]]]

Note-se que o participio passado concorda em número e gênero com o sujeito, *estes livros*. Isso quer dizer que em (60b) o objeto profundo de *doados* passa pelo Spec de um AgrP mais baixo onde é desencadeada a concordância Spec-núcleo, conforme Kayne (1989). A impossibilidade de o clítico ocorrer nessa posição deve-se ao fato de o participio passivo ser de natureza [+N], Ou melhor, a concordância presente no participio é do tipo [+N]: gênero e número. Isto serve como explicação também para a impossibilidade de clítico junto com o participio absoluto no PB. Este é passivo [+N], e portanto não é apropriado para hospedar um clítico que exige um hospedeiro [+V, -N],

Na passiva, o clítico é obrigado a se incorporar a uma posição mais alta. Todavia, vale ressaltar que não é em qualquer posição mais alta que o clítico pode ocorrer, como podemos ver em (61);

- (61) a. *Estes livros vão ser me doados para eu ...
b. *Estes livros vão me ser doados para eu...
c. Estes livros me vão ser doados para eu ...

O clítico não pode aparecer ao lado do infinitivo, como ilustra (61b). O mesmo comportamento se observa em (62) e (63):

- (62) a. *Estes livros estão sendo me doados para eu ...
b. *Estes livros estão me sendo doados para eu
c. Estes livros me estão sendo doados para eu ...

- (63) a. *Estes livros têm sido me doados para eu ...
b. *Estes brinquedos têm **me** sido doados para eu ...
a. Estes brinquedos **me** têm sido doados para eu ...

A presença de um verbo no gerúndio (62) e no particípio (63) não muda a posição preferencial do clítico em sentenças passivas: ele somente é licenciado à esquerda do verbo finito, e nunca ao lado de um verbo não-finito.

3.2.3. Resumo;

Esta seção mostrou-nos que no PB o clítico ocorre com o verbo finito nas orações com um só verbo, e ocorre com o verbo não-finito nas orações com dois ou mais verbos adjacentes, exceto com o particípio passivo.

No primeiro contexto vimos que, por um lado, o PB se assemelha ao italiano e ao fi-ancês, já que a próchse ocorre com o verbo finito. Por outro, o PB se distingue do PE, uma vez que na primeira língua a próclise ocorre com ou sem elementos atratores. No segundo contexto, o PB se distingue fortemente das outras línguas românicas: a próclise ocorre sempre com o último verbo do conjunto, com exceção dos casos que apresentam ECM. Além disso, vimos que o clítico [-e] não segue à colocação dos demais clíticos do paradigma.

Enfim, os dados do PB revelam que a ordem preferencial do clítico não é determinada pelo tipo de fixação, nem pelo tipo de constituinte que precede o verbo.

Particularmente, as orações com dois ou mais verbos adjacentes mostram que no PB praticamente não é permitido o “pulo do clítico”, como acontece em outras línguas românicas e como acontecia, também, no português clássico³⁰.

³⁰ Pagotto (1992) constata que do século XVI ao século XVIII o clítico podia se mover para junto do verbo mais alto. Já Cyrino (1990b) constata que em relação à próclise no século XVIII, o clítico podia subir a imia posição mais alta, até mesmo acima de NegP, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (i) a. Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança
b. ...o tio calara-se, só para lhe não dar assentimento
c. Há tanto tempo que o não via
d. ...a fim de que entrando povo, que sem estabelecimento o não quer fazer

Dados como estes problematizam as análises que tratam o clítico como núcleo. Se de fato ele é um núcleo em sua posição final, ele não de^{^^}eria ocupar imia posição acima de NegP.

3.3. Conclusão

Essa primeira parte mostrou que o PB se distingue das outras línguas românicas no que diz respeito à cliticização. Em primeiro lugar, vimos que o PB além de ter um sistema de clíticos distinto de uma língua como o francês, por exemplo, apresenta também um paradigma bastante fragmentado, uma vez que nesta língua há formas alternativas de expressar os objetos, formas essas que concorrem com os clíticos. Vimos também que a tipologia pronome forte e clítico não é suficiente para uma língua como o PB, pois constatamos que a variante *cé*, da forma pronominal *você*, se comporta como um pronome fraco.

Além disso, no PB os clíticos apresentam diferenças em relação à frequência, sendo o clítico [-e] o que menos ocorre. E quando ocorre, a preferência é pela forma com *onset*, *lo(s)* e *la(s)*.

Vimos também que esta língua, ao contrário de outras línguas românicas como o francês e o PE, não admite mais de um clítico em uma mesma sentença. Dois objetos não podem ser cliticizados ao mesmo tempo. Se um é cliticizado o outro é pronominalizado, sendo que no PB não há restrição para a pronominalização de ambos os objetos.

Em segundo lugar, constatamos que o PB generaliza a próclise em todos os contextos sintáticos; orações raízes, subordinadas e imperativas. Nesta língua, a posição do clítico não é determinada pelo tipo de flexão, finito e não-finito, e nem pelo tipo de constituinte que ocorre à esquerda do verbo. Quanto à ênclise, vimos que ela é altamente específica no PB, restrita praticamente aos infinitivos com o clítico [-ej].

Ao contrário de outras línguas românicas, no PB o clítico não tem "liberdade" para realizar um movimento longo. Por exemplo, não há o fenômeno de *clitic climb*, e nas orações com dois ou mais verbos adjacentes o clítico aparece antes do último verbo, que pode estar no infinitivo, no gerúndio ou no particípio ativo. Este é um fato interessante pois o mesmo não se verifica em outras línguas românicas.

Apesar de a próclise ser generalizada no PB, vimos também que há duas situações em que ela não pode ocorrer nas orações com dois ou mais verbos adjacentes: a primeira situação diz respeito ao clítico [-e]. Este não pode aparecer antes do verbo não-finito, podendo ocorrer com este verbo apenas como enclítico. A outra situação em que a próclise

não é admitida envolve as construções passivas. Os clíticos não podem ocorrer antes do verbo passivo. Nesse tipo de construção, o clítico somente pode ser licenciado ao lado do verbo finito.

Concluindo, no que diz respeito à cliticização o PB se distingue das outras línguas românicas em vários aspectos. O sistema de clíticos é empobrecido e a colocação destes elementos é bastante particular.

PARTE II - UMA ANÁLISE PARA O CLÍTICO NO PB

Tendo em vista as análises apresentadas no capítulo II, propomos nessa parte uma explicação para o comportamento do clítico no PB. Como vimos na seção anterior, esta língua além de apresentar um sistema de clíticos um tanto empobrecido, apresenta uma sintaxe particular para eles, distanciando-se das outras línguas românicas. Dentre as particularidades que a análise deve abranger destacamos: a próciise é a regra geral; o clítico [+e] vem antes do verbo não-finito mais baixo em construções com dois ou mais verbos adjacentes; não ocorre o fenômeno *clitic climbing*, independente do fato de o primeiro verbo ser do tipo auxiliar; os clíticos [-e] não se distribuem como os demais clíticos; e não é possível a ocorrência de dois clíticos em uma mesma sentença.

Certamente estas restrições no PB têm a ver com o estatuto categorial dos clíticos, a natureza da posição para a qual os clíticos se movem, o tipo de movimento que eles realizam e também com o movimento do verbo. Abordaremos cada uma destas questões nas seções que se seguem. Para isto, a base está nas análises de Kayne (1989), Belletti (1995), Rizzi (1993), Uriagereka (1995) e Galves (1996). Começemos pelo estatuto categorial dos clíticos.

3.4. A natureza do clítico

Vimos que os autores, Rizzi (1993), Belletti (1995) e Uriagereka (1995), associam os clíticos acusativos de terceira pessoa a um determinante (D°), especialmente no que diz respeito à natureza dos dois. Essa associação decorre da semelhança entre esse tipo de clítico com os artigos definidos. No PB essa semelhança é confirmada, como mostra (64):

(64) Quadro de clíticos e determinantes

	Clítico	Determinante
Masc. Singular	o	o
Fem. Singular	a	a
Masc. Plural	os	os
Fem. Plural	as	as

De acordo com Rizzi e Belletti, há diferenças entre eles que, certamente, terão reflexos nas suas derivações. Uma dessas diferenças diz respeito aos traços casuais. Enquanto os determinantes não têm variação de Caso, os clíticos apresentam formas diferentes para certos Casos. No PB, por exemplo, os clíticos podem ser acusativos ou dativos. Os clíticos *me*, *te*, *se*, *lhe(s)* e *nos* são ambíguos quanto ao Caso: eles podem desempenhar o papel tanto de objeto direto (acusativo) quanto indireto (dativo). Já os clíticos *o(s)*, *a(s)*, *lo(s)* e *la(s)* são puramente acusativos. Os clíticos acusativos podem ser vistos em (6) e os dativos em (7), aqui repetidos:

- (6) a. Maria me visitou no último final de semana
b. Meu pai a encontrou ontem em frente à padaria
- (7) a. O João me deu um presente
b. A Maria lhe entregou o livro

Além disso, ao contrário dos determinantes, os clíticos manifestam traços de pessoa:

(65) Variação de Pessoa dos Clíticos

1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
me, nos	te	o, a, lhe. Se

Embora não seja propriamente uma manifestação de caráter flexionai, para cada pessoa há uma forma diferente, paralelamente ao sistema de pronomes.

Apesar de ser atraente a idéia de que o clítico é um determinante, especialmente por causa da identidade morfológica do clítico acusativo de terceira pessoa e do artigo, nas línguas românicas essa idéia não abrange os outros clíticos do sistema. No PB, o sistema dos clíticos engloba elementos com estatutos diferentes, o que pode ser deduzido do fato de eles não se distribuírem de forma homogênea. Em construções com dois ou mais verbos adjacentes, particularmente, os clíticos *o(s)*, *a(s)* não se posicionam como *me*, *te*, *se*, *Ihe(s)* e *nos*. Se comparamos o PB com o PE, por exemplo, vemos que nesta última língua as restrições de distribuição se impõem indistintamente a qualquer dos clíticos.

Galves (1996) ao explicar a natureza do clítico no PE e no português clássico se opõe à idéia de que o clítico seja um determinante. Ela postula que os clíticos são feixes de traços pronominais e funcionam como elementos de concordância. Por isso, associa o clítico a Agr.

No entanto, para explicar os clíticos do PB, não assumimos nenhuma dessas hipóteses que os autores sustentam, já que nem todos seguem o mesmo caminho. O que é bastante claro no PB é que os clíticos apresentam comportamentos distintos no que diz respeito ao posicionamento. Isso pode ser visto nos exemplos que se seguem:

- (66) a. Ela vai me encontrar no próximo fmal de semana
b. *Ela vai o encontrar no próximo fmal de semana

- (67) a. Maria vai encontrar-me no próximo fmal de semana
b. *Maria vai encontrar-o no próximo fmal de semana
c. Maria vai encontrá-lo no próximo fmal de semana
d. *Maria vai encontrá-me no próximo fmal de semana

Em construções com mais de um verbo adjacente, como em (66) e (67), vemos que o *o*, ao contrário dos outros clíticos, não pode ocorrer antes do verbo infinitivo. É o que ilustra o contraste em (66a) e (66b). Por outro lado, (67c) mostra que o clítico *o* pode ocorrer depois do verbo infinitivo, porém com o *omet* superficializado, verificando-se uma alteração do

verbo infinitivo: este perde o /-r/ final. Já o clítico *me*, não é capaz de desencadear nenhuma alteração fonológica do verbo, conforme o contraste (67a) e (67d)³¹

Como próclise, *o* somente pode ocorrer com o verbo finito, como vimos em (56), repetido aqui;

- (56) a. ?Ela o quer encontrar
b. ?Ela o vai encontrar
c. ?Ela o vai querer encontrar

Apesar de estes exemplos serem bastante marginais no PB, o que é importante notar é que o clítico *o* sem o seu *onset* somente pode ser licenciado antes do verbo finito. Jamais ele pode ocorrer antes do verbo infinitivo, como vimos em (66b).

Assim, o que esses dados nos revelam é que os clíticos [-e] não são da mesma natureza que os clíticos [+e], já que a colocação daqueles não se pauta pela dos demais.

Além disso, no PB, os clíticos não devem se submeter a um mesmo tipo de movimento. Isto se confirma pela hipótese de Uriagereka (1995), que distingue os clíticos de primeira e segunda pessoa, que chama de “clíticos fortes”, dos de terceira pessoa, que chama de “clíticos fracos”. Quando “fortes”, os clíticos movem-se primeiro como sintagmas, e depois como núcleo. Quando “fi-acos”, eles se movem apenas como núcleo. Essa seria a saída para explicarmos a diferença de comportamento dos clíticos no PB. E para isso, alinhamos os clíticos *Ihe(s)* e *se*, que são de terceira pessoa, ao lado de *me*, *te* e *nos*, em oposição aos clíticos *o(s)*, *a(s)*, *lo(s)*, *la(s)*, como mostra o quadro abaixo:

(68) Quadro de clíticos do PB

Clíticos com rima [+e]	Clíticos com rima [-e]
me, te, se, Ihe(s), nos	o(s), a(s), lo(s), la(s)

³¹ Obsen e. ainda, que em muitos registros é possível suprimir normalmente o /-r/ fmal dos infinitivos. Entretanto, com os clíticos [+e] essa supressão é impossível.

Essa separação é pertinente já que *lhe* e *se* ocupam a mesma posição que os clíticos de primeira e segunda pessoa.

Essa diferença de comportamento dos dois grupos de clíticos nos leva, portanto, às seguintes conclusões: eles têm estatutos diferentes; apresentam movimentos distintos e, a posição para a qual eles se movem também não é a mesma. Particularmente, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, o clítico [-e] não pousa na mesma posição que os demais clíticos. Na seção abaixo trataremos especificamente do movimento do clítico e da posição de pouso, com o intuito de compreender a distribuição distinta dos clíticos no PB.

3.5. O movimento e a posição de pouso dos clíticos

No que diz respeito ao movimento dos clíticos, assumimos que eles se movem em sintaxe visível porque são dotados de um traço V-forte, conforme Chomsky (1993). Mas, para onde eles se movem? Como esse movimento é realizado?

Quanto à posição para a qual o clítico se move, vimos que Kayne (1991) defende a idéia de que o clítico se adjunge à esquerda de um núcleo funcional. Com esta proposta o autor explica as diferentes posições dos clíticos nas sentenças infinitivas do italiano e do francês. Na primeira língua, o verbo infinitivo realiza um movimento suplementar passando por sobre o T abstrato ao qual o clítico está adjungido. Dessa forma a ênclise é desencadeada, como mostra (69):

(69) [V + Infñ [Cl + T [infç e] [vp[ye]]]]

Já no francês, o verbo se movimenta somente até o núcleo Infñ, e os clíticos se adjungem à sua esquerda, desencadeando, assim, a próclise, como podemos ver em (70):

(70) [T [Cl + [infñ V + Infñ] [VP [v e]]]

No PB, o seu pressuposto é válido para todas as sentenças com um só verbo finito: os clíticos [+e] e [-e] ocorrem com o verbo finito, ou melhor, eles se adjungem à esquerda de um núcleo funcional. Todavia, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes os clíticos

[+e] se encontram à esquerda de um núcleo que não carrega a flexão propriamente dita³². Assim, à primeira vista, o pressuposto de Kayne parece violado.

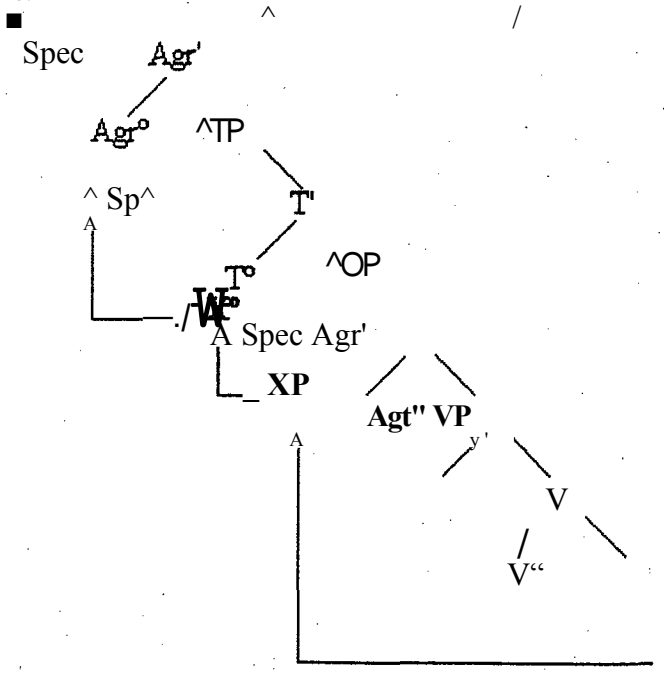
Uma solução para esse problema vem do arcabouço minimalista; o clítico se move para o Spec da projeção de AgrO a fim de checar o seu traço de Caso. Tendo em vista este argumento postulamos que, no PB, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes o clítico [+e] permanece em AgrO. Dessa forma, podemos dizer que o clítico também se encontra adjungido à esquerda de um núcleo funcional, o Agr^o, onde o verbo faz a sua checagem de traços. Assim, mantemos o pressuposto de Kayne, já que a maioria dos autores que tratam da cliticização não deixa de assumir a idéia apresentada pelo autor.

Conforme Belletti (1995) e Rizzi (1993), os clíticos se movem para além de AgrO. No PB, vamos assumir que esse movimento somente é desencadeado em três situações: em sentenças com um só verbo finito; nos casos em que o clítico *o* ocorre com o verbo finito em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes; e nos contextos não-finitos em que a ênclise é licenciada.

Porém, em primeiro lugar, precisamos saber como se dá o movimento do clítico. E para essa questão, sustentamos a hipótese de Sportiche (1992): o movimento do clítico se faz em parte como projeção máxima e em parte como núcleo.

Como projeção máxima o clítico se move de sua projeção temática no interior de VP para o Spec da projeção AgrO, onde é feita a checagem do traço de Caso. A partir dessa posição, o clítico se move como núcleo e se cliticiza a uma forma verbal, já que é ao lado de um verbo que o clítico aparece na sintaxe visível. Para Belletti e Rizzi, o clítico deixa a projeção de AgrO porque esta posição não é suficiente para a checagem de traços do clítico. De acordo com estes argumentos temos a seguinte representação:

³² Vale deixar claro que o complexo V+I é de natureza funcional porque o verbo finito tem traços de tempo e concordância. Já o complexo V+I_{inf} é de natureza lexical porque o verbo infinitivo não tem a realização desses traços.



Nesse caso o clítico é caracterizado como um elemento misto, já que ele se move como XP e como X°. Vejamos que, ao se transformar em núcleo, ele não deixa de passar pelas outras posições nucleares intermediárias, obedecendo, assim, a Minimalidade Relativizada (cf. Rizzi (1990)).

No PB, dizemos que a hipótese dos autores é apenas relevante para o caso das orações com um só verbo finito, já que o clítico ocorre com este verbo. Nas orações com dois ou mais verbos adjacentes, a projeção de AgrO parece ser suficiente para a checagem de traços dos clíticos [+e], uma vez que estes não se movem para além de tal projeção; ou seja, esse tipo de sentença evidencia que a cliticização acontece em AgrO. Todavia, o clítico [-e] não obedece a essa restrição. Por ser um elemento fi^aco, ele se move como núcleo e se cliticiza em uma posição mais aha na estrutura da oração.

Uma outra questão que precisamos destacar nesta análise diz respeito à ordem do clítico, já que é um dos problemas que mais chama a atenção nas análises das línguas românicas. É o que veremos a seguir.

3.6. A ordem do clítico

Conforme as descrições apresentadas em seções e capítulos anteriores vimos que as línguas românicas, em especial, o italiano, o francês, o PE e o PB, compartilham uma propriedade em comum: nestas línguas, o clítico gravita em tomo do verbo, ora como

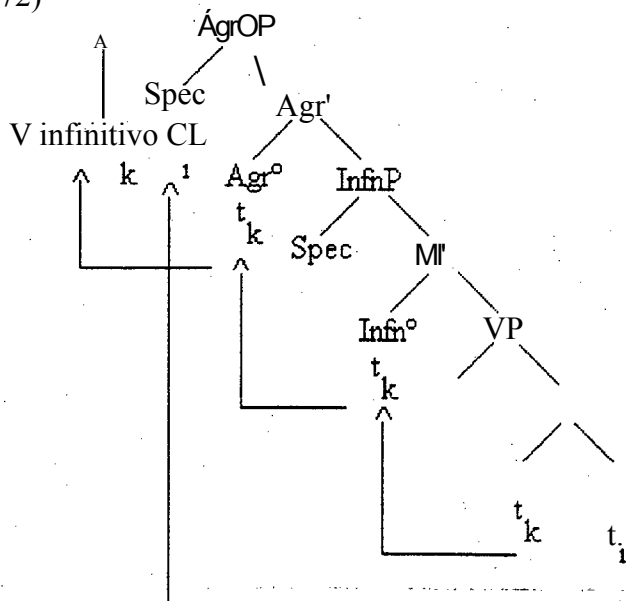
próclise, ora como ênclise. E é sobre estas posições que estaremos discutindo nas seções que se seguem. Começemos pela ênclise.

3.6.1. Ênclise

Rizzi (1993) e Belletti (1995), ao explicar a ênclise com verbos não-finitos no italiano, assumem com Kayne (1991) que ela é resultado de um movimento suplementar do verbo. E com base no minimalismo, os autores postulam que o clítico somente pode se adjungir ao verbo depois que este último já estiver morfológicamente completo; ou seja depois que ele já checou todos os seus traços morfológicos na sintaxe visível.

No que diz respeito ao verbo infinitivo, os autores argumentam que a checagem morfológica deste verbo é realizada abaixo de AgrO: em InfnP, onde o verbo faz a sua checagem da morfologia infinitiva. No entanto, esse mesmo verbo realiza um movimento suplementar a fim de checar traços abstratos acima de AgrO. E para não violar o movimento cíclico o verbo passa por esta projeção e leva junto o clítico com o seu movimento, desencadeando, assim, a ênclise. Isso pode ser visto em (72):

(72)



No PB, dizemos que o movimento suplementar do verbo não-finito também é visível quando os clíticos ocorrem na posição pós-verbal. Como vimos na parte I deste capítulo, esta posição é a preferida dos clíticos [-e], Mas esse comportamento se justifica pela natureza “fi-aca” desses clíticos. Ao contrário dos clíticos [+e], que são “fortes” e podem permanecer em AgrO, os clíticos “fracos” devem se mover para acima desta posição.

Vejamos agora as condições para a próclise ser licenciada.

3.6.2. Próclise

Para o caso da próclise no italiano, Rizzi (1993) e Belletti (1995) argumentam que o verbo finito somente se complementa morfologicamente em AgrS; ou seja, ele checa os seus traços morfológicos de tempo e concordância em uma posição acima de AgrO. Quanto ao clítico, este somente pode ocorrer à esquerda do verbo finito. Se ocorresse à direita desse verbo, a checagem de concordância do verbo finito seria bloqueada³³.

Esta análise pode ser estendida para a colocação do clítico em sentenças com um só verbo finito do PB, já que a próclise é licenciada nesse tipo de construção. No entanto, a análise não dá conta das orações com dois ou mais verbos adjacentes: a próclise ocorre com o verbo não-finito mais baixo. Veremos, em particular, os dois contextos em que a próclise é generalizada. E em uma outra seção, veremos aqueles casos em que a próclise não pode ser licenciada, além da impossibilidade de dois clíticos ocorrerem em um mesma sentença.

³³ Diante desse argumento, como explicar a ênclise nos exemplos do PE?

- (i) a. Maria viu-me no aeroporto
- b. Ela vai-me encontrar amanhã

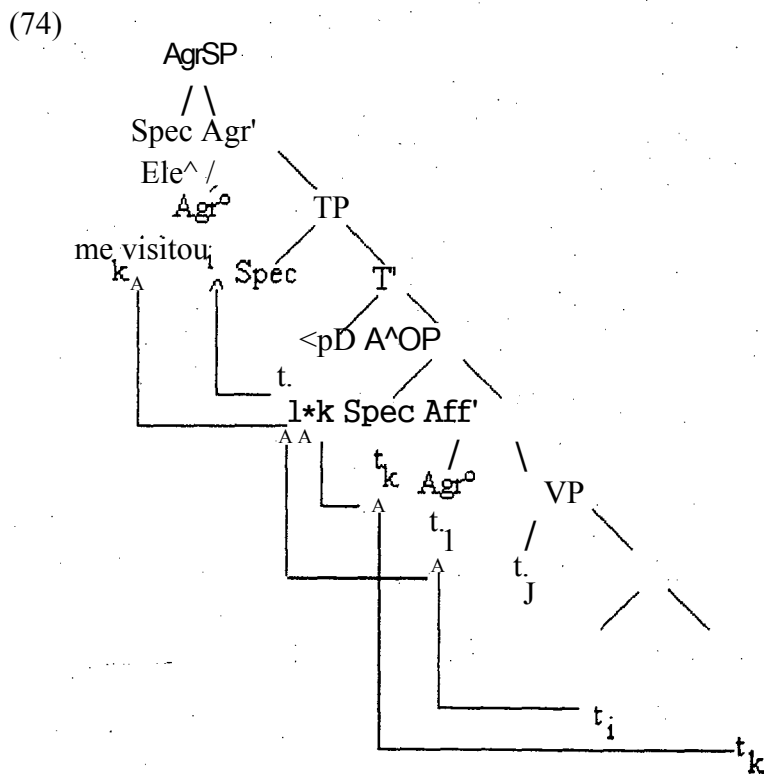
Podemos dizer que o complexo V+I+CL se encontra em uma posição acima de AgrS, já que abaixo desta a checagem morfológica do verbo finito não seria verificada. Quanto à posição acima de AgrS, Uriagereka (1995) postula que é uma categoria F, um lugar periférico na sentença. Para Galves (1996), essa categoria a que Uriagereka se refere não é senão imi Comp associado a um elemento de concordância. Qualquer que seja essa posição, sabemos que o PB não faz uso dela, pois o clítico se adjunge em AgrS ou abaixo dele.

3.6.2.1. A próclise nas orações com um só verbo finito

Nas orações com um único verbo vimos que os clíticos [+e] e [-e] ocorrem antes do verbo finito, como em (73);

- (73)
- a. Ele me visitou no hospital
 - b. *Ele visitou-me no hospital
 - c. Ele nunca o visitou no hospital
 - d. *Ele nunca visitou-o no hospital

Para esse tipo de sentença dizemos que o movimento do clítico [+e] se dá de duas formas: como projeção máxima e como núcleo. Como projeção máxima o clítico se move para o Spec de AgrO, onde ele checa o seu traço de Caso. A partir dali, o clítico se move como núcleo, passando por T° e se adjungindo à esquerda do núcleo de AgrS, a posição para onde o verbo finito deve se mover e checar os traços de concordância. Assim, a próclise é desencadeada, como podemos ver em (74).



A diferença que há entre o clítico [+e] e [-e] é que, enquanto o primeiro se movimenta como sintagma e núcleo, o segundo se move apenas como núcleo, pois é um elemento fraco, como propôs Uriagereka (1995). Quanto ao Caso, ambos os clíticos fazem a checagem em AgrO: a do clítico [+e] se realiza numa configuração Spec- núcleo e a do clítico [-e] se realiza numa configuração núcleo-núcleo (cf Rizzi (1993)).

Como vimos em (73b) e (73d), o clítico não pode ocorrer depois do verbo finito. A explicação é que este verbo não se move para uma posição mais alta na estrutura da oração. A realização da ênclise com o verbo finito interfere na “completude morfológica” deste verbo.

Esse tipo de argumento também justifica a ocorrência da próclise em posição inicial absoluta; o verbo não se move para uma posição mais alta, como acontece no PE, em que a Lei Tobier-Mussafia é obedecida. Galves (1991) associa a falta de movimento do verbo para posições mais altas ao enfraquecimento da concordância. “No PB a concordância é fraca, tanto no aspecto morfológico quanto interpretativo. A fraqueza morfológica é visível na perda do morfema de segunda pessoa (-s). Sua fraqueza interpretativa aparece na possibilidade de interpretação indeterminada do sujeito nulo das frases com tempo, além da tendência a preencher a posição sujeito com o sujeito lexical (cf Tarallo 1983)” (Galves e Abaurre, 1996, pag. 297).

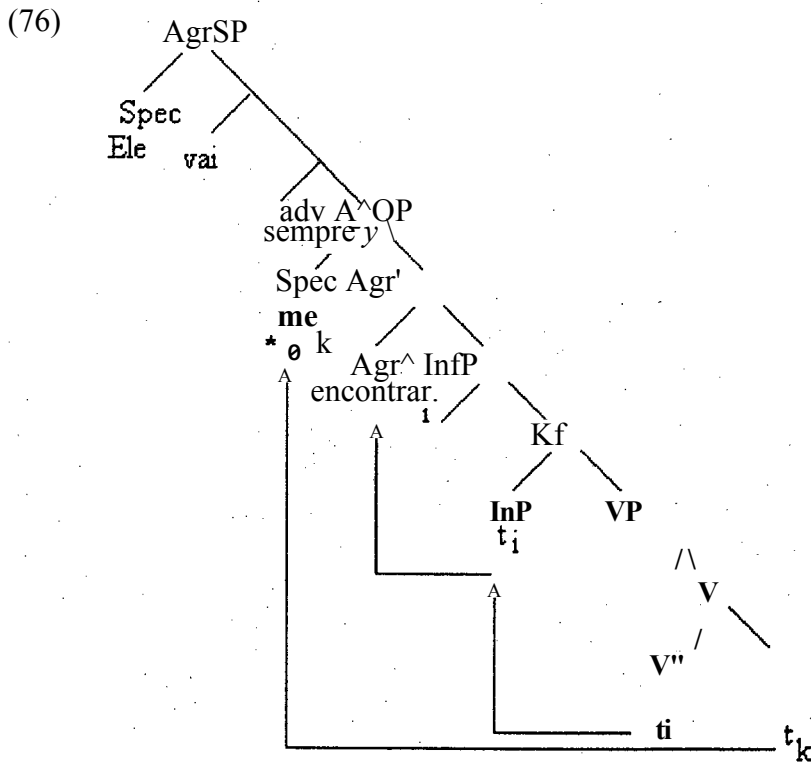
Em suma, nas orações que apresentam um só verbo finito, na posição inicial ou não, a próclise é naturalmente licenciada uma vez que no PB o verbo finito não se move para uma posição mais alta na estrutura da oração.

3.6.2.2. A próclise nas orações com dois ou mais verbos adjacentes

Nesse tipo de construção, o clítico [+e] ocorre antes do verbo não-finito, o último verbo do conjunto, como mostram os exemplos:

- (75) a. Ela vai sempre me encontrar naquele bar
b. Ela está sempre me encontrando naquele bar
c. Ela tinha sempre me encontrado naquele bar

Para esta colocação postulamos que o clítico se move como projeção máxima até o Spec de AgrO, e permanece lá. Nesse caso, o clítico parece atrair o verbo mais baixo para o núcleo de AgrO onde é desencadeada a concordância Spec-núcleo. Dessa forma teríamos a seguinte ordem: aux - adv - cl - verbo principal, com o clítico ocupando o Spec de AgrO e o verbo principal (infinitivo, gerúndio ou particípio) ocupando o núcleo dessa mesma projeção, supondo obviamente que o advérbio ocupa uma posição acima do Spec de AgrO, como podemos ver na estrutura abaixo:



A próclise em (76) evidencia que o verbo infinitivo não realiza nenhum movimento suplementar nesse tipo de construção. Além disso, vemos que somente o clítico [+e] pode ser licenciado no Spec de AgrO, O clítico [-e] jamais pode ocorrer nessa posição nas orações com dois ou mais verbos adjacentes. Essa restrição se justifica pelo fato de esse tipo de clítico se mover como núcleo, não podendo assim ocupar uma posição de especificador.

Tendo em vista os dados do PB dizemos que em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes a cliticização acontece em AgrO, uma vez que o clítico [+e] se cliticiza em uma posição mais baixa; isto é, ao verbo não-finito. Já nas outras línguas românicas, como o italiano, o francês e o PE, o mesmo não acontece. A cliticização não acontece em AgrO: o clítico sai desta projeção e se incorpora ao verbo auxiliar, o verbo que carrega a flexão propriamente dita.

3.6.2.3. Os contextos impróprios para a próclise

Apesar de a próclise ser a regra geral no PB, vimos também que há duas situações em que ela não é permitida. A primeira envolve o clítico [-e]: ele não ocorre antes do verbo não-finito mais baixo nas orações com dois ou mais verbos adjacentes, como vimos na representação em (76) e podemos ver em (77);

- (77) a. *Ele vai o encontrar naquele bar
b. *Ele está o encontrando naquele bar
c. *Ele tinha o encontrado naquele bar

É um comportamento diferente dos clíticos [+e], que são naturalmente licenciados antes do verbo não-finito mais baixo. E para explicar a diferença entre eles, seguimos o pressuposto de Uriagereka (1995): o clítico *o* é “fraco” e não pode ocupar o Spec de AgrO. Já os outros clíticos são “fortes” e podem, portanto, permanecer em tal posição. O clítico *o*, por sua vez, é obrigado a se mover para posições mais altas.

Um outro contexto em que a próclise também não pode ocorrer envolve as construções passivas: nenhum clítico pode ocorrer antes do verbo passivo, como em (78):

- (78) a. *Estes livros foram me doados para eu repassar para a escola
b. *Estes livros estão sendo me doados para eu repassar para a escola

Uma vez assumido que em construções com dois ou mais verbos adjacentes o clítico permanece em AgrO, poderíamos supor que, nas sentenças passivas a presença do clítico

em Spec de AgrO impediria a passagem do objeto profundo quando ele se toma sujeito superficial. No entanto, sabe-se que a passiva é uma construção inacusativa. Como explicar, assim, a passagem do objeto pela projeção de AgrO, a posição em que se verifica a checagem do Caso acusativo. Se isso acontece, a generalização de Burzio (1986) é violada.

A saída para esse problema é postular que em sentenças passivas AgrO não é projetada. Assim, o clítico acusativo jamais poderá ocorrer nesse tipo de construção. Quanto aos outros clíticos, eles podem até ocorrer numa construção passiva, porém somente em uma posição mais alta, como mostra (79):

- (79) a. Estes livros me foram doados...
b. Estes livros me estão sendo doados...

Se AgrO não é projetado, o clítico não pode ocorrer antes do verbo passivo. Ele deve portanto se cliticizar ao verbo finito.

Uma outra questão que merece ser discutida diz respeito à impossibilidade de dois clíticos ocorrerem em uma mesma sentença, como ilustram os exemplos agramaticais:

- (80) a. *Ele mo tinha dado
b. *Ele me tinha o dado

Ao contrário de uma língua como o PE, que permite uma sentença como (80a), o PB não admite essa possibilidade: dois clíticos não podem ocorrer em uma mesma sentença, mesmo se eles estiverem adjungidos em posições diferentes, como ilustra a agramaticalidade de (80b).

Certamente o que diferencia o PE de uma língua como o PB, é a disponibilidade de posições. Ou seja, na primeira língua deve haver duas posições disponíveis para os clíticos. Já na segunda, o mesmo não acontece, pois somente um clítico pode ocorrer em uma mesma sentença. E para explicar essas restrições, vamos assumir Com Sportiche (1992) que o clítico projeta a sua própria projeção quando ele é gerado: o CliticP.

No PB, o clítico pode ocupar ou o Spec ou o núcleo de CliticP. Se for um clítico “forte”, ele ocupa o Spec; se for um clítico “fraco”, ele ocupa o núcleo. Estas duas posições

nunca podem ser preenchidas ao mesmo tempo no PB. Já no PE, as duas posições podem ser ocupadas, permitindo assim uma sentença como (80a).

Em suma, nesta seção vimos que há duas situações em que a próclise não é licenciada. Trata-se do clítico [-e] e do participio passivo. Além disso, o PB não permite que dois clíticos sejam licenciados em uma mesma sentença, mesmo que eles ocupem posições distintas.

3.7. Conclusão

Tendo em vista a distribuição distinta dos clíticos no PB, concluímos que, por apresentarem estatutos diferentes os clíticos se submetem a movimentos distintos e a posição para a qual eles se movem também não é a mesma.

Em orações com um só verbo finito, o clítico [+e] se move em parte como projeção máxima e em parte como núcleo. Como projeção máxima o clítico se move para o Spec de AgrO. A partir desta projeção ele se move como núcleo e se cliticiza á esquerda do verbo finito. O clítico [-e], por sua vez, se move apenas como núcleo. A ênclise não ocorre nesse tipo de sentença porque no PB o verbo não se move para uma posição mais alta na estrutura da oração.

Em orações com dois ou mais verbos adjacentes, o clítico [+e] se move como projeção máxima para o Spec de AgrO e permanece lá, já que a próclise ocorre com o verbo não-finito mais baixo. O clítico [-e] não pode ocorrer nessa posição pois ele se move como núcleo; ou seja, por ser um elemento “fraco” ele não pode ocupar o Spec de AgrO.

Portanto, a sintaxe particular dos clíticos no PB deve-se ao fato de nesta língua a cliticização ocorrer em dois lugares: em AgrS com o verbo finito, e em AgrO com o verbo não-finito.

CONCLUSÃO

Conforme o capítulo I do presente trabalho, constatamos que o clítico é um elemento especial na sintaxe das línguas românicas, pois ele ocupa uma posição que nenhum outro argumento pode ocupar. Essa peculiaridade indica que o clítico deve ser um núcleo que se incorpora a um complexo verbal.

Além dessa propriedade, vimos que os clíticos podem ocorrer em posições pré-verbais e em posições pós-verbais. Esse é um dos problemas mais discutidos nas análises de línguas românicas, pois o posicionamento varia de língua para língua.

No italiano, vimos que a posição do clítico é determinada a partir da oposição finito/não-finito. Com o verbo finito, temos a próclise; com o verbo não-finito, a ênclise! No francês, o clítico ocorre, sistematicamente, como proclítico tanto com o verbo finito, quanto não-finito. Nesta língua, a ênclise somente é licenciada nas imperativas afirmativas. No PE, as diferentes posições dos clíticos são determinadas a partir do tipo de constituinte que precede o verbo na sintaxe. A ênclise ocorre em sentenças com o verbo em primeira posição, em sentenças raízes com sujeitos realizados, ou não, em sentenças com o argumento nominal topicalizado e em imperativas. A próclise está limitada a sentenças com palavras negativas, sujeito quantificado, sintagmas focalizados, certos advérbios e operadores.

Quanto ao PB, vimos na primeira parte do capítulo III que esta língua se distancia das outras línguas românicas no que diz respeito à cliticização. As diferenças podem ser notadas tanto no sistema como no posicionamento do clítico.

No tocante ao sistema, vimos que o do PB é bastante fi-agmentado, pois esta língua dispõe de formas alternativas para expressar o que os clíticos expressam nas outras línguas; o pronome tônico e o objeto nulo. Possivelmente, são estas formas que estão perturbando a harmonia e contribuindo para o desaparecimento dos clíticos. Vimos também que a tipologia pronome forte e clítico não é suficiente para o PB, pois a variante *cê* foi caracterizada como um pronome fraco.

Em relação ao posicionamento do clítico, constatamos que o PB não leva em conta o tipo de constituinte que ocorre à esquerda do verbo. No PB, o clítico ocorre preferencialmente na posição pré-verbal, tanto em sentenças com um só verbo quanto em

sentenças com dois ou mais verbos adjacentes. Neste último contexto, o PB se distingue fortemente das outras línguas românicas, pois o clítico se incorpora ao verbo lexical não-finito.

Além disso, um outro problema que se destaca no PB, é o fato de esta língua operar entre dois conjuntos de clíticos: os clíticos [+e] e [-e]. Eles não se distribuem de forma homogênea.

Tendo em vista a distribuição dos clíticos no PB, procuramos na segunda parte do capítulo **in**, fornecer uma explicação sintática para o comportamento do clítico desta língua. Com base no aparato da Teoria Gerativa apresentada no capítulo II, chegamos às seguintes conclusões; por terem estatutos diferentes, os clíticos [+e] e [-e] apresentam movimentos distintos e a posição para onde se movem não é a mesma em uma língua como o PB. O que os dados desta língua evidenciam é que a cliticização acontece em dois lugares: em AgrS, em sentenças com um só verbo finito, e em AgrO, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes. Este postulado é usado como argumento para explicar as particularidades sintáticas dos clíticos no PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, P. (1991) "Clitic Placement in European Portuguese", ms., MIT, Cambridge, Mass.
- BELLETTI, A. (1981) "Trasi ridotte assolute," *Rivista di Grammatica Generativa* 6, 3-32.
- _____. (1989) "Agreement and Case in Past Participial Clauses in Italian," ms., University of Geneva.
- _____. (1990) *Generalized Verb Movement, Aspects of Verb Syntax*, Rosenberg & Sellier, Torino.
- _____. (1992) "Agreement and Case in Past Participle Clauses in Italian". In: T. Stowell & E. Wehrli eds. *Syntax and the Lexicon, Syntax and Semantics*, vol 26, Academic Press.
- _____. (1995) "Italian/Romance Clitics: Structure and Derivation".
- BENINCÁ, P., & CINQUE, G. (1993) "Su alcune differenze fra enclisi e proclisi". In *Omaggio a Gianfranco Folena*, Padova: Editoriale Programma.
- BURZIO, L. (1986) *Italian Syntax*, Reidel, Dordrecht.
- CÂMARA, Jr., J. M. (1910) *Estrutura da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Petrópolis: Vozes.
- CARDINALETTI, A. & STARKE, M. (1994) "The Typology of Structural Deficiency", ms. Università di Venezia, Université de Genève.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- _____. (1989) "Notes on economy of derivation". In: Laka and A. Mahajan (eds) *Functional heads and clause structure, MIT Working Papers in Linguistics*, vol. 10.
- _____. (1993) "A Minimalist Program for Linguistic Theory". In: *Occasional Papers in Linguistics* 1, MITWPL.
- CORRÊA, V. R. (199) *Objeto Nulo no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado, Unicamp.

CUNHA, C. & CINTRA, L. (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CYRINO, S.M.L. (1993) "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: Roberts, I. & Kato, M. A. (orgs) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____ (1990b) "O objeto nulo no português do Brasil: uma mudança paramétrica?" ms., Unicamp.

DUARTE, M. E. L. (1986) *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado, PUCSP. (aíffVTZ,

DUARTE, L, MATOS, G. (1995) "Romance Clitics and the Minimalist Program" comunicação apresentada no 5º *Colóquio Internacional de Gramática Gerativa*, La Coruña.

FIENGO, R. & GITTERMAN, M.R. (1978) "Remarks on French Clitic Order", *Linguistic Analysis*, v.A. 1, p.5-11.

GALVES, C. (1989) "O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos XVII*. CdxaçmZi: WLIXJNiCAMP.

_____ (1991) *Ag and Subjects in Brazilian Portuguese*, ms., Unicamp.

_____ (1996) "Do português clássico ao português europeu moderno: uma análise minimalista".

GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. (1996) "Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica". In: Castilho, A. T. de & Basilio, M. (orgs) *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP.

HAEGEMAN, L. (1992) "TSÍegation in West Flemish and the Neg Criterion", *Proceedings of the NELS Conference, 22, Delaware*.

KAYNE, R. (1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

- _____. (1989) "Null Subjects and Clitic Climbing", in *The Null Subject Parameter*. In; O. Jaeggli and K. Safir, eds., Kluwer, Dordrecht.
- _____. (1989c) "Facets of Romance Past Participle Agreement". In; P. Benincà, ed., *Dialect Variation and the Theory of Grammar*, Foris Publications, Dordrecht.
- _____. (1991) "Romance Clitics, Verb Movement and PRO", in *Linguistic Inquiry* 22, 647-686.
- KOOPMAN, H. (1994) "Licensing heads. In; *Verb movement*, ed. Norbert Homstein and David Lightfoot, 261-296. Cambridge University Press.
- LAENZLINGER, C. (1990) "Le Deplacement des Clitiques et l'Analyse-DP", Université de Genève.
- LUIZE, T.B. (1997) *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de mestrado, UFSC.
- MIOTO, C. (1992) *Negação sentencial no português brasileiro e Teoria da Gramática*. Tese de Doutorado, Unicamp.
- NUNES, J. (1993) "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In; Roberts, I. & Kato, M. A. (orgs) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas, SP; Editora da Unicamp.
- PAGOTTO, E. G. (1992) *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de mestrado, Unicamp.
- PEREIRA, M. G. D. (1981) *Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado, PUCRJ.
- PERLMUTTER, D. (1972) *Deep and Surface Structure Constraints in Syntax*, Holt, Rinehart and Winston, New York.
- POLLGCK, J. Y. (1989) "Verb-Movement, UG and the Structure of IP", *Linguistic Inquiry*, 20, 365-424.

- POSTAL, P. (1969) "On so-called "pronouns". In; English. In *Modern studies in English*, ed. David Reibel and Sanford Schane, 201-224. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.
- RAPOSO, E. (1995) "Clitic position and Verb Movement in European Portuguese", conferência no 5º *Colóquio Internacional de Gramática Gerativa*, La Coruña.
- RAPOSO, E. & URIAGEREKA, J. (1996) "Indefinite 5e", *Natural Language and Linguistic Theory*, 14, 149-180.
- RIZZI, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*, Foris, Dordrecht.
- _____. (1990) *Relativized Minimality*. Cambridge, MIT.
- _____. (1991) "Residual Verb Second and the Wh Criterion" Technical Reports in Formal and Computational Linguistics, Université de Genève.
- _____. (1993) "Some Notes on Romance Cliticization", ms. Université de Genève.
- _____. (1995) "The fine structure of the left periphery", Université de Genève.
- ROUVERET, A. (1989) "Cliticização e Tempo em Português Europeu". *Cadernos de Estudos Linguísticos* 17. JELÍUnicamp, p. 9-37
- SILVA, M. C. F. (1996) *A posição do sujeito no português brasileiro: frases fmitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- SPORTICHE, D. (1992) "Clitic Constructions", UCLA.
- TARALLO, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade da Pennsylvania.
- TORRES MORAES, M. A. (1995) *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de doutorado, Unicamp.
- URIAGEREKA, J. (1992) "An F position in Western Romance". Paper presented at the GLOW Colloquium, University of Lisbon, April 1992. To appear in *discourse configurational languages*, ed. Katalin Kiss. Oxford University Press.

(1995) "Aspects of the Syntax of Clitics Placement in Western Romance", *Lingitistic Inquiry*, 26,1, p. 79-123.

WILLIAMS (1981) "On the Notions 'Lexically Related' and 'Head of a Word'," *Linguistic Inquiry*, 12, 245-274.